

Maria Engel de Oliveira

**ORKUT: O Impacto da Realidade da
Infidelidade Virtual**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Rio de Janeiro, fevereiro de 2007



Maria Engel de Oliveira

**ORKUT: O Impacto da Realidade da Infidelidade
Virtual**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação de Psicologia como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Bernardo Jablonski

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2007



Maria Engel de Oliveira

**ORKUT: O Impacto da Realidade da
Infidelidade Virtual**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof. Bernardo Jablonski

Orientador

Departamento de Psicologia – PUC-Rio

Prof^a. Terezinha Féres-Carneiro

Departamento de Psicologia – PUC-Rio

Prof^a. Mirian Goldenberg

Instituto de Filosofia e Ciências Sociais – UFRJ

Prof. Paulo Fernando Carneiro de Andrade

Coordenador Setorial de Pós-Graduação e

Pesquisa do Centro de Teologia e

Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 26/02/07

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Maria Engel de Oliveira

Graduou-se em Psicologia pela PUC-Rio em 2002. Coursou Especialização em Assistência a Usuários de Álcool e Drogas pelo Instituto de Psiquiatria da UFRJ em 2005. Realiza atendimentos clínicos tanto em consultório particular como também em uma clínica social.

Ficha Catalográfica

Oliveira, Maria Engel de

ORKUT: o impacto da realidade da infidelidade virtual / Maria Engel de Oliveira ; orientador: Bernardo Jablonski. – 2007.

103 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Psicologia)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Infidelidade. 3. Infidelidade online. 4. Traição. 5. Adultério. 6. Internet. 7. Relacionamentos virtuais. 8. Orkut. I. Jablonski, Bernardo. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

Para minha mãe, pelo apoio e carinho de sempre.

Agradecimentos

Ao meu orientador Bernardo Jablonski, obrigada por ter “aparecido” no momento certo do curso de Mestrado, pelas tantas indicações de leitura e estudo, e por tantas palavras de apoio e incentivo ao longo do meu árduo percurso de elaboração desta dissertação.

Aos meus amigos “reais” e “virtuais” por terem me apoiado em momentos muito difíceis do curso de Mestrado.

Aos amigos que conquistei durante o curso de Mestrado, especialmente Maria Cláudia, Luciana e Reivani, que estiveram presentes, cada uma do seu jeito, em diferentes situações inusitadas e complicadas, me ajudando no que foi possível.

À Profª Ana Maria Rudge, coordenadora de Pós-graduação de Psicologia, por ter me guiado e aberto novos caminhos em um momento crucial do curso de Mestrado, com muita paciência e atenção.

À Maria Tereza, pela escuta carinhosa e humana, obrigada pelo colo!

À Maria de Fátima Amin, minha supervisora clínica, obrigada pelas palavras de incentivo e de não desistência dos meus ideais de vida!

À minha mãe, minha melhor amiga, por estar sempre conseguindo me dar forças incríveis para que eu siga minha vida e minha profissão!

A meu pai, eterna inspiração e luz na minha vida, para todo e sempre!

A Leonardo Garrido Visentin, pela ajuda no tocante ao tema desta dissertação, pela compreensão em todos os momentos em que precisei

ficar mais recolhida durante a elaboração deste trabalho e por ter me incentivado a seguir sempre em frente e de cabeça erguida!

A todos os sujeitos “virtuais” que aceitaram participar da pesquisa de campo deste trabalho, pois sem eles esta dissertação não seria a mesma.

A todos os funcionários do Departamento de Psicologia, em especial à Marcelina de Andrade, secretária da Pós-graduação, por palavras incentivadoras ao telefone.

À VRAc – PUC-Rio, e ao CNPq pelo apoio financeiro, sem o qual este trabalho não seria possível.

Ao meu lado espiritual, o qual procurei trabalhar e equilibrar durante o meu percurso no curso de Mestrado, que foi cheio de obstáculos, dificuldades e frustrações, mas também foi feito de pessoas e surpresas agradáveis e, finalmente, de conquistas.

Resumo

Oliveira, Maria Engel de. **Orkut: O Impacto da Realidade da Infidelidade Virtual**. Rio de Janeiro, 2007. 103 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Traição, infidelidade e adultério são temas que geram até hoje diversas reações e opiniões nas pessoas. Em diferentes momentos históricos e culturais podemos dizer que o ser humano vivenciou as três situações de formas diversas. Por ora foram socialmente aceitos, e em outros momentos, punidos e vistos como pecado. Mas existe um consenso com relação à reação frente à descoberta de uma traição, que é o fato de ser geradora de muito sofrimento, decepção e de um sentimento de condenação por parte de quem a descobre. Com o advento da Internet, surgem os relacionamentos virtuais e, por conseguinte, novas facetas começam a ser reveladas com relação à infidelidade. A comunidade virtual Orkut serviu de pano de fundo para este trabalho, pois lá existe uma liberdade de acesso por parte dos seus membros às informações pessoais, fotos e mensagens que são trocadas. A possibilidade de visualização de conteúdos que possam denunciar a infidelidade ou a traição por parte de alguém é muito grande. Desta maneira, o presente trabalho teve como objetivo principal investigar os principais sentimentos e opiniões dos usuários do Orkut a respeito da infidelidade *online*. Foi realizada uma pesquisa qualitativa com dez sujeitos, usuários do Orkut, através de entrevistas *online*. Quinze depoimentos da comunidade “Eu descobri pelo Orkut” também foram analisados. Os resultados revelaram principalmente que a troca de mensagens mais ardentes, carinhosas ou “ilícitas” pelo Orkut é considerada como traição pelos sujeitos, assim como a visualização de fotos de outros homens e mulheres.

Palavras-chave

Infidelidade, traição, adultério, Internet, relacionamentos virtuais, Orkut, infidelidade *online*.

Abstract

Oliveira, Maria Engel de. **Orkut: The Impact of Reality of the Virtual Infidelity**. Rio de Janeiro, 2007. 103 p. MSc. Dissertation – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Betrayal, infidelity and adultery are subjects that cause several reactions and opinions on people, until today. In different historical and cultural moments, we can say that the human being lived those situations differently. For the time being, they were socially accepted, and in other moments, punished and seen as sins. But there is a consensus in relation to the reaction of people facing the discovery of a betrayal, which causes a lot of pain, deception and a feeling of censure from those who find it out. With the happening of Internet, virtual relationships emerge, therefore, new strategies start being revealed in relation of infidelity. The virtual community Orkut, performed as a background for this project, because there is a freedom of access, on the behalf of the users, to personal information, pictures and messages which are swapped. The possibility to visualize the contents that may denounce the infidelity or betrayal of someone is huge. Thereby, this project had as its main goal, to investigate the main feelings and opinions from users of Orkut, about infidelity online. A quality research was performed with ten users through interviews online. Fifteen testimonials from the community “Eu descobri pelo Orkut” were also analyzed. The results mainly revealed that the swap of spicy, tender or “illicit” messages by Orkut, are considered betrayal, such as to visualize pictures from other men or women.

Key-words

Infidelity, betrayal, adultery, Internet, virtual relationships, Orkut, infidelity online.

Sumário

1. Introdução	12
2. A Traição, A Infidelidade, O Adultério e Os Relacionamentos Extraconjugais ao longo do tempo	14
2.1. O Adultério – um ato comum ou incomum? Prazer ou dor?	16
2.2. O surgimento do padrão de dupla moral	23
2.3. Os castigos contra os praticantes do adultério	25
2.4. As pesquisas sobre o adultério, a infidelidade e a traição	27
2.4.1. O Trabalho de A. Lawson	32
2.4.2. Tipos de Adultério	33
2.5. Razões para a infidelidade e para o adultério	35
3. O Surgimento da Internet	39
3.1. Os relacionamentos virtuais: quais são suas características e quem são as pessoas que se engajam neles?	40
3.2. As Comunidades Virtuais	43
3.2.1. O Orkut	44
3.3. Relacionamentos Virtuais X Relacionamentos Reais	48
3.4. A Infidelidade <i>Online</i> : Por que, Onde e Como?	51
3.4.1. De que forma a infidelidade <i>online</i> é sentida pelo parceiro que a descobre?	54
3.4.2. Infidelidade <i>online</i> : Uma realidade freqüente	56
4. A Pesquisa de Campo	59
4.1. Objetivo	59
4.2. Metodologia	60
4.2.1. Os Sujeitos da Pesquisa – A Busca	60
4.2.2. A Preservação do Anonimato dos Sujeitos	63

4.3. O Estudo Piloto e o Instrumento de Coleta de Dados	64
4.4. As entrevistas <i>online</i> X presenciais	66
4.5. A Análise dos Dados	67
5. A Apresentação dos Resultados da Pesquisa de Campo	69
5.1. O Perfil dos Sujeitos Entrevistados	69
5.2. Razões para estarem no Orkut	70
5.3. Por que fazer parte de uma comunidade cujo tema é a traição?	72
5.4. E o que é a traição de fato e o que significa infidelidade?	73
5.5. E na Internet, como ficam a traição e a infidelidade?	74
5.6. Conhecimento dos Sujeitos a respeito de casos de traição	75
5.7. Quais seriam as reações dos sujeitos perante a traição?	76
5.8. Diferenças entre a infidelidade no mundo real e a virtual	78
5.9 O que descobriram os membros do Orkut?	80
5.9.1. Uma breve análise dos depoimentos	82
6. Discussão dos Resultados das Entrevistas	85
7. Considerações Finais	90
8. Referências Bibliográficas	94
9. Anexo 1	100
10. Anexo 2	103

Os computadores mudaram não só o modo como trabalhamos como também a forma como amamos. Apaixonar-se ou não, flertar, trair e até mesmo fazer sexo *online*, tudo isso se tornou parte da mais moderna maneira como vivemos e amamos.

Aaron Ben-Ze'ev, Love Online: Emotions On The Internet.

Introdução

A traição e a infidelidade são temas que, ainda hoje, são considerados tabus. Porém, é sabido que sempre estiverem presentes na sociedade, sendo a traição muito praticada tanto por homens quanto por mulheres. E quem a pratica procura mantê-la em segredo o máximo que puder, pois quando é descoberta, gera sentimentos muito dolorosos e intensos na pessoa traída, pois fere várias condições que são pré-estabelecidas moralmente, como por exemplo, o contrato de exclusividade com relação ao parceiro amoroso.

Com o advento da Internet, porém, comecei a observar que muitos comportamentos vinham se modificando naquelas pessoas que ali entravam em busca de novos relacionamentos. Mais especificamente percebi que a comunidade virtual Orkut também gerava o aparecimento de novos comportamentos na Rede. Tudo que é experienciado ali é mantido em exposição, para qualquer um ver, pois todos têm acesso às páginas pessoais de todos. Ali, mensagens trocadas entre as pessoas são expostas, sem pudor. E então, pensei de que forma as pessoas estariam percebendo a infidelidade e a traição naquele contexto tão propício ao surgimento de novos relacionamentos virtuais, além da existência e da permanência do relacionamento de compromisso no mundo real.

Travando os primeiros contatos com a bibliografia a respeito do assunto, percebi que tanto a infidelidade real quanto a virtual são assuntos ainda pouco pesquisados em profundidade na academia. A razão apontada é que não se trata de um assunto fácil de ser pesquisado, devido à dificuldade de ser abordado em entrevistas presenciais. É igualmente difícil, tanto por parte daquele que descobre a traição, como por parte daquele que a comete, falar abertamente a respeito do assunto. Mas, no Orkut existem comunidades voltadas para a discussão deste tema e para que as pessoas possam falar abertamente a respeito do que pensam e sentem com relação à infidelidade *online*. Tendo em vista esta abertura proporcionada pelo Orkut, pude começar a pensar na realização do meu trabalho, que procuraria ouvir tais pessoas, não da forma convencional, presencialmente, mas através de entrevistas *online*.

Com esse intuito, realizei este trabalho, dividido em capítulos. No segundo, logo em seguida a esta introdução, intitulado *A Traição, A Infidelidade, O Adultério e Os Relacionamentos Extraconjugais ao longo do tempo*, realizei um percurso histórico para entender de que forma tais comportamentos foram percebidos ao longo do tempo, assim como os sentimentos gerados por eles. As razões apontadas por alguns autores para a infidelidade e algumas pesquisas realizadas sobre o assunto, foram também levantadas neste capítulo inicial.

No terceiro capítulo, chamado *O Surgimento da Internet*, descrevo os relacionamentos virtuais, as comunidades virtuais, mais especificamente o Orkut, e a infidelidade *online* com todas as suas características.

Já no quarto capítulo descrevo a *Pesquisa de Campo* realizada para esta dissertação, com a delimitação do objetivo, da metodologia e da técnica utilizada para o recrutamento dos sujeitos.

O quinto capítulo, *A Apresentação dos Resultados da Pesquisa de Campo*, revela depoimentos obtidos através de dez entrevistas *online*. Em seguida, no sexto capítulo, há a *Discussão dos Resultados das Entrevistas* com uma reflexão a partir das idéias dos principais autores apresentados ao longo dos capítulos iniciais da dissertação. Logo em seguida, apresento quinze depoimentos reveladores deixados no fórum de discussão de uma comunidade do Orkut denominada “Eu descobri pelo Orkut”.

No sétimo e último capítulo, *Considerações Finais*, apresento os principais resultados da pesquisa de campo, com algumas reflexões a partir das especulações teóricas mais recentes que foram apresentadas ao longo deste trabalho.

2

A Traição, A Infidelidade, O Adultério e Os Relacionamentos Extraconjugais ao longo do tempo

Existem diferentes definições para o que é considerado “traição”, “infidelidade” e “adultério”. Antes de apresentar o adultério e como era entendido, ao longo do tempo, é preciso distinguir tais termos, pois alguns não são considerados sinônimos entre si.

De acordo com o Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa, (2001) uma das definições dadas para “traição” é, por analogia, “infidelidade no amor”. Já a palavra “infidelidade”, está definida mais precisamente como “falta de respeito, de fidelidade àquilo com que se deveria estar comprometido”. E também como sendo uma “manutenção de ligações amorosas com outra pessoa diferente daquela com quem se está comprometido”. Por fim, “adultério”, é definido como sendo “violação, transgressão da regra de fidelidade conjugal imposta aos cônjuges pelo contrato matrimonial, cujo princípio consiste em não se manter relações carnavais com outrem fora do casamento. E ao mesmo tempo é tido como “infidelidade estabelecida por relação carnal com outro(a) parceiro(a) que não o(a) companheiro(a) habitual”.

Em pesquisas realizadas com jovens solteiros na cidade do Rio de Janeiro, universitários de ambos os sexos, de classe média e com idades variando entre vinte a vinte e um anos, Jablonski (2005)¹ chegou a vários resultados com relação às expectativas destes jovens no que se refere ao casamento. Um dos tópicos pesquisados foi a própria definição que eles dão ao conceito de traição: “sexo com outra pessoa” foi a resposta mais citada pelos respondentes (20,1%), “beijar / ficar com outra pessoa” (12%), “mentir para o parceiro” (11,5%) e “manter uma relação com outra pessoa” (10,3%) foram as outras definições dadas.

Diferenças entre as definições de mulheres solteiras e casadas com relação à infidelidade foram captadas em uma pesquisa realizada também no Rio de Janeiro, dentre as quais 40,7% das solteiras coloca que infidelidade é mentir, trair

¹ Mais dados sobre esta pesquisa serão discutidos durante este capítulo.

a confiança do outro. Já entre as casadas, 37,6% dizem que ser infiel é trair sexualmente o parceiro (von der Weid, 2004)².

Recentemente, em uma reportagem da Revista Domingo do Jornal do Brasil, de 16 de Julho de 2006, discutiram-se as diferenças entre fidelidade e lealdade. Na reportagem, a psicanalista e sexóloga S. Cherman é citada, defendendo a posição de que fidelidade não é sinônimo de lealdade e que apesar de nascermos para sermos polígamos, a sociedade nos impõe a monogamia. Na sua experiência clínica, 90% das mulheres declararam ter fantasias sexuais com outros homens que não seus maridos. Ela afirma, com este dado, que ninguém é fiel, pois no momento em que se fantasia com outrem, já se está sendo infiel. Nas suas palavras, “lealdade é ser fiel ao próprio sentimento, mesmo que isto provoque conflitos”.

Esta, porém, não é a posição defendida por casais citados na reportagem acima. Na opinião deles, quando se olha para alguém interessante que não seu cônjuge, não se está sendo infiel e nem desleal. E quando um dos dois assume que achou um homem (ou uma mulher) bonito(a) para o(a) parceiro(a), é um ato de lealdade. Para estes casais, a infidelidade é ligada ao ato da traição, e não às fantasias e desejos que cada parceiro pode vir a ter durante o casamento. Nessa reportagem a psicoterapeuta de família e casal T. Féres-Carneiro também é citada, colocando a idéia de que o conceito de lealdade e fidelidade varia de casal para casal e que ato de ter relações sexuais fora do casamento não implica, para alguns casais, ser desleal ao parceiro (Bagdadi, 2006, p. 12).

Ou seja, “traição”, “infidelidade”, “deslealdade” e “adultério” são termos parecidos, mas não podem ser usados como sinônimos quando falarmos sobre relacionamentos extraconjugais. O adultério é um termo usado juridicamente quando existem relações carnais (ou sexuais) fora do casamento. Isto porque há um contrato matrimonial quando duas pessoas se casam, como pode ser visto na própria definição de adultério, que coloca o princípio ou regra da fidelidade conjugal. O ato de manter relações sexuais com outra(s) pessoa(s) fora do casamento é considerado uma violação ou transgressão desta regra.

Mas, como este conceito foi construído ao longo dos tempos? O adultério hoje é vivido da mesma forma como há séculos atrás? Por que as pessoas

² Idem.

procuram relações fora do casamento? Uma descrição mais pormenorizada do conceito de adultério será feita a seguir.

2.1

O Adultério – um ato comum ou incomum? Prazer ou dor?

A cadeia do casamento é pesada demais. Por isso é preciso carregá-la a dois ou, muitas vezes, a três
(Alfred Capus)

Fisher (1995) realizou um extenso estudo sobre o amor romântico, o divórcio, o recasamento, o adultério, dentre outros temas e o registrou em seu livro “Anatomia do Amor: a história natural da monogamia, do adultério e do divórcio”. Em sua obra fica claro que os costumes culturais influenciam a definição que se tem do adultério e da atitude de determinada pessoa diante dele. Com a descrição dos costumes de diferentes povos com relação ao adultério, a afirmação fica mais clara ainda. A seguir serão exemplificadas algumas destas descrições de que a autora nos fala.

Nas cidades da costa central e sul do Mar Adriático, por exemplo, quase todo homem italiano teria uma amante a quem ele visitaria regularmente nos dias da semana, em horários do dia em que os maridos das amantes ainda estão trabalhando nas vinhas, em barcos de pesca, em suas lojas ou estão às voltas com seus próprios relacionamentos também clandestinos. Os relacionamentos extraconjugais mais duradouros são entre homens e mulheres casados com outras pessoas, que perduram por vários anos ou até a vida inteira. Nestas cidades italianas a infidelidade é comum entre os adultos e muitas pessoas acabam descobrindo determinados casos de traição na cidade através de comentários que ameaçam a privacidade alheia. Apesar disso, prevalece um hábito na cidade que todos procuram seguir: manter os casos “descobertos” em segredo, a fim de preservar a vida familiar das pessoas envolvidas em relacionamentos extraconjugais.

Entre os povos inuit (esquimós) emprestar a esposa é um costume e sinal de hospitalidade. Quando um marido está ansioso para consolidar seus vínculos

com um companheiro de caçadas, pode lhe oferecer sua esposa para que ela tenha relações sexuais com ele, mas com a permissão dela. Com a concordância de todos, ela copula com o parceiro de caçadas por vários dias ou semanas. As mulheres também têm o costume de oferecer sexo a visitantes e estrangeiros, não considerando o ato como um crime ou delito (Gove, 1989).

Para o povo lozi da África o relacionamento sexual não tem associação com o adultério. Se, simplesmente, um homem lozi acompanhar uma mulher que não faça parte da sua família em um simples passeio, ou se lhe oferecer cerveja ou rapé, estará cometendo adultério. E entre os kofyar da Nigéria, o adultério é definido de forma completamente diferente. Se uma mulher insatisfeita com seu marido não desejar se divorciar, pode arranjar um amante legítimo, com quem viverá abertamente na propriedade de seu marido. Os homens desta tribo possuem o mesmo privilégio. E não consideram tais relacionamentos extraconjugais como sendo adultério.

Já na cultura ocidental, que é a que nos interessa mais, o adultério é definido como o relacionamento sexual de uma pessoa casada com outra que não o próprio cônjuge, como foi colocado no início deste capítulo. Então, como lembra Fisher (1995), os povos aqui exemplificados que cometeram adultério dentro da nossa definição ocidental, foram o homem italiano, a mulher esquimó e a esposa kofyar, enquanto o marido lozi não foi adúltero, pois ele não realizou o coito com a mulher que levou para passear.

Os relatos descritos até aqui apontam para costumes de determinados povos, mas houve um momento na história ocidental em que o adultério foi relacionado à noção de pecado. Este momento é historicamente datado com os antigos hebreus. De acordo com Socci (1983), a virgindade era valorizada ao extremo por este povo, assim como a fidelidade da mulher após o casamento. Com relação às atitudes dos homens hebreus podem-se observar grandes diferenças:

“Por outro lado, a poligamia era aceita, assim como a concubinação; além de que o homem poderia possuir escravas. Portanto, o homem poderia ter, no casamento, sexo apenas para reprodução, mas em função das outras práticas, também tinha oportunidades de desenvolver sentimentos profundos de amor e de obter do sexo muito prazer sensual”. (Socci, 1983, p. 2).

Fisher coloca que entre 516 a.C. e a destruição de Jerusalém pelos romanos em 70 d.C., os costumes sexuais judaicos passaram a ser cada vez mais identificados com as leis de Deus. Até então, no judaísmo, poucas práticas sexuais eram consideradas imorais. Aos homens, ao contrário das mulheres, era permitido livre acesso às prostitutas, concubinas, viúvas, criadas domésticas, e só lhes era interdito o relacionamento sexual com uma mulher casada, pois os relatos sagrados de Deus diziam para “não cobiçar a mulher do próximo”.

Nos primeiros séculos da Era Cristã, dizia-se que Deus havia decretado que o marido e a esposa realizassem o ato sexual na véspera do Sabbath (dia sagrado dos judeus). Eram confeccionadas listas relacionando detalhadamente as obrigações sexuais das mais diversas classes sociais. Todas as noites os cavaleiros que estivessem desocupados deveriam copular com suas esposas, os trabalhadores que moravam na mesma cidade onde ficava o seu local de trabalho deveriam ter relações sexuais pelo menos duas vezes por semana. Já os homens que viajavam para outras cidades a negócios deveriam cumprir o dever marital uma vez por semana, e assim por diante (Bullough, 1976). A partir de então, o sexo dentro do casamento passou a ser encarado como algo abençoado, celebrado e, acima de tudo, sagrado. Por outro lado, tudo o que acontecesse fora do casamento era condenado por Deus, como por exemplo, o adultério, tanto por parte de um homem como de uma mulher casada.

Assim como os hebreus, os gregos clássicos também tinham suas próprias idéias com relação ao adultério. Para os homens gregos, no século IV a. C., os jogos sexuais eram seu passatempo preferido e eles se consideravam superiores às mulheres. O único crime sexual que poderia ser cometido por um homem grego era o coito realizado com a esposa de outro homem, em função do qual poderia ser condenado à morte. Era comum que homens casados tivessem muitas parceiras extraconjugais e também travassem encontros homossexuais com rapazes adolescentes. Por outro lado, de acordo com Socci (1983), a mulher ateniense ficava confinada em casa desde o nascimento até o casamento e nada aprendia além de poucas tarefas domésticas e, em alguns casos, um pouco de escrita. A mulher seria respeitada caso desempenhasse bem seus deveres como doméstica e como procriadora. Socci cita uma frase atribuída a Demóstenes que retrata como eram os costumes sexuais dos gregos na época: “As prostitutas, nós

conservamos pelo prazer, as concubinas para cuidar da nossa pessoa e as esposas para nos proporcionar filhos legítimos e cuidar de nossa casa.”

Assim como os gregos, os romanos também não viam problema em manter muitos casos extraconjugais. Fisher explica que por volta do ano 100 a. C., muitos romanos encaravam o adultério como algo justificável. Socci lembra que o dote da esposa de um patriarca romano achava-se inteiramente em seu poder e ele podia controlar-lhe todos os atos. Ou seja, o marido podia castigar a esposa caso ela cometesse uma falta e se ela fosse culpada de adultério, ele tinha o direito de matá-la. Depois de um possível período de amplas liberdades sexuais, os romanos tornaram-se, com o tempo, rigorosamente monógamos. Oficialmente a partir de então, um homem não poderia ter, ao mesmo tempo, uma esposa e uma concubina, devendo escolher entre uma e outra. A lei da época definia adultério como a união sexual com a esposa de outro homem. Se o homem flagrasse a esposa com outro, poderia matá-la sem julgamento, mas se ela o visse com outra mulher, não tinha a liberdade de fazer nada a respeito. Desta maneira, fica claro o padrão de dupla moral que caracterizou (e caracteriza ainda) várias civilizações na História.

Com o advento do Cristianismo, a virgindade passou a ser mais exaltada, a poligamia abolida e as relações sexuais permitidas apenas para a procriação. A castidade passa a ser essencial para ambos os sexos e o casamento é investido de significado sacramental e simbólico (Murstein, 1974 *apud* Socci, 1983). A monogamia era a única forma aceitável de casamento e o Novo Testamento menosprezava o concubinato.

Na Bíblia (Marcos, 10:11), Jesus falou o seguinte: “Quem repudia³ sua mulher e se casa com outra, comete adultério contra a primeira; e se a mulher repudia o marido e se casa com outro, comete adultério”. Nos séculos posteriores a Jesus, alguns líderes cristãos tornaram-se hostis ao sexo. O celibato, porém, só foi oficialmente imposto ao clero cristão no século XI e a abstinência sexual foi se vinculando cada vez mais a Deus e o adultério ao pecado, tanto para homens como para mulheres.

Santo Agostinho, que viveu entre 354 e 430 d. C., difundiu tais ensinamentos por todo o mundo cristão. Bullough (1976) ressalta que apesar de

³ Repudiar é uma palavra usada para separação e dar carta de divórcio.

Agostinho estar ansioso para se converter ao cristianismo, não conseguia superar seu desejo por sua amante (concubina). Ele rezava a Deus dizendo: “Dê-me a castidade e a continência, mas não ainda”. Durante os dois anos em que esperou para se casar com uma mulher escolhida da mesma posição social que a sua, teve outra amante. Depois disso, abandonou os planos de casamento, convertendo-se ao cristianismo e adotando a abstinência sexual. Ele via o celibato como o bem mais elevado, a relação sexual como algo que só podia existir entre marido e mulher e para fins de procriação e o adultério como a encarnação do demônio. Desde então, no ocidente, o adultério passou a ser encarado como transgressão moral para ambos os sexos.

Já na Idade Média, Socci relata que os nobres achavam-se no direito de possuir toda e qualquer mulher campesina que encontrassem e a prostituição acabou sendo aceita e legalizada em algumas cidades européias. O adultério da esposa nesta época era punido com a morte, enquanto que para o marido não havia penalidade alguma. Entre os séculos IX e XII os tribunais eclesiásticos começaram a julgar as questões ligadas aos pecados da alma, sendo uma delas, o adultério.

O amor cortesão só surge no fim do século XI e a idéia de fidelidade entre os amantes, pelo menos enquanto apaixonados, surge nessa época. Em relação ao mito do casamento romântico, Lawson (1988)⁴ explica que o amor nas cortes medievais separou o casamento do amor, vistos em completa contradição um com o outro. Os parceiros não se escolhiam, ao contrário, eram escolhidos e o amor romântico não poderia, assim, ser a base do casamento. Os pais escolhiam com quem a filha se casaria e os casamentos eram, desta forma, arranjados por interesses familiares.

No período conhecido como Reforma, no século XVI, o adultério ainda é motivo para a morte, geralmente por afogamento e decapitação. Nessa época, o adultério e a prostituição que eram antes considerados como inevitáveis diante dos casamentos combinados, passaram por novas considerações e os castigos pelas relações sexuais fora do casamento ficaram cada vez mais severos. Giddens (1993) fala a respeito das relações amorosas entre os camponeses da França e da

⁴ Dois mitos são destacados por Lawson (1988) que fazem parte da vida de homens e mulheres e que conduzem seus desejos de realização e de felicidade: “o mito do casamento romântico” e o “mito do eu”. Porém, foge ao objetivo deste trabalho a descrição minuciosa de tais mitos.

Alemanha do século XVII e de acordo com ele, o beijo, a carícia e outras formas de afeição física associadas ao sexo eram raros entre casais casados. Porém, oportunidades para os homens terem ligações extraconjugais não faltavam. A sexualidade dentro do casamento tinha de ser considerada casta, diferentemente do caráter erótico e apaixonado dos casos fora do casamento. Esta diferenciação era comum entre aristocratas europeus.

O surgimento do amor romântico, ainda de acordo com Giddens, tem de ser compreendido levando-se em conta as influências que afetaram as mulheres a partir do século XVIII. Um deles foi a criação do lar, um outro, a mudança nas relações entre pais e filhos, e um terceiro, a invenção da maternidade. O poder patriarcal no meio doméstico já estava declinando no final do século XIX, e com a separação entre o lar e o local de trabalho, o domínio do homem sobre a família ficou enfraquecido, quando ele deixa de ser o centro do sistema de produção. Antes do final do século XVIII não se falava de amor ligado ao casamento, tratava-se de um amor de companheiros, ligado à responsabilidade, tanto de maridos como de esposas, pelo cuidado da família e da casa. Com a divisão das tarefas, as mulheres passaram a promover mais o amor, enquanto que para os homens, as diferenciações entre amor romântico e amor apaixonado eram tratadas a partir da separação do ambiente doméstico da sexualidade da amante ou da prostituta.

Na América, por volta do século XVIII, as pessoas já tinham o amor como pré-condição para o casamento, chegando-se à equivalência entre os termos amor e casamento. Homens e mulheres tinham a chance de alcançar a segurança e a estabilidade econômica através do casamento, sem a intromissão dos pais na escolha de um ou de outro parceiro. O curioso é que para um casamento de sucesso, a paixão era necessária, assim como a estima e a afeição, mas poucas formas eróticas de amor eram aceitas. Ou seja, esperava-se que a paixão, considerada perigosa, não se estabelecesse entre os cônjuges, pois fazia parte do amor adúltero.

Assim, o ideal do amor romântico foi transportado para a forma convencional do casamento e o mito moderno do casamento romântico foi criado. Giddens (1993), a respeito disso, enfatiza que durante o século XIX a formação dos laços matrimoniais baseava-se em outras considerações além dos julgamentos de valor econômico. Idéias de amor romântico, exercendo sua influência sobre os

burgueses, foram muito difundidas pela ordem social (Giddens, 1993, p. 36). No mito do casamento romântico, considera-se que o ideal é que haja amor apenas por uma única pessoa, aquela com quem se casa e só este amor vai durar para sempre, até que a vida dure, ou até que a morte os separe. A exclusividade sexual e a permanência fazem parte também deste mito, sendo igualmente importantes em sua configuração. As pessoas tendem a ter a expectativa de encontrar uma história de amor dentro de seus casamentos e que o relacionamento será baseado no companheirismo e na igualdade, sem dominação ou subordinação. O casamento, desta forma, se tornou o lugar onde amor e fidelidade sexual estariam para sempre ligados.

Por fim, na Revolução Industrial do século XX começa a surgir a idéia de que como o amor nem sempre dura a vida toda, é de direito de cada um poder procurar um novo amor, com a devida liberdade para cada parceiro poder ter seus próprios casos amorosos (Socci, 1983). Então, no século XX, o casamento, apesar de ser fundamentado nas escolhas racionais nem sempre feitas exclusivamente pelos dois parceiros, tornou-se uma questão de se apaixonar. Casar-se tinha como base o desejo da paixão. Casamento e amor se unem e o amor romântico tornou-se a experiência mais desejante da vida (Lawson, 1988).

Já nos recentes anos sessenta e setenta começou uma busca do verdadeiro conhecimento de si mesmo, com as pessoas explorando as várias facetas de si mesmas, o que incluía suas sexualidades. Os relacionamentos mais duradouros deviam ser aqueles nos quais se permitisse a autonomia para cada parceiro.

Vimos que, historicamente, o homem sempre teve mais liberdade que a mulher com relação à busca de novos relacionamentos fora do compromisso do casamento. Ao costume social que permitia muita liberdade ao homem e pouca liberdade à mulher dá-se o nome de padrão de dupla moral ou padrão social duplo, que será abordado a seguir.

2.2 O surgimento do padrão de dupla moral

Com relação ao adultério, o padrão social duplo teve origem nas culturas camponesas, juntamente com a crença de que o homem era o provedor da família e era também seu dever reproduzir e continuar sua linhagem. Os relacionamentos extraconjugais eram comuns entre homens, mas para mulheres eram estritamente proibidos. Em quase toda a Ásia era comum o encorajamento dos homens a terem concubinas (Bullough, 1976). Na Índia, China e Japão tradicionais, era responsabilidade da mulher produzir descendentes para o seu companheiro, ser virtuosa no casamento e sexualmente fiel ao marido durante toda sua vida. Os parentes as vigiavam o tempo todo depois que se casavam. Então, enquanto que para os homens não havia muito problema com relação a relacionamentos extraconjugais, para as mulheres este ato era estritamente proibido. Uma esposa infiel não tinha o direito de permanecer viva. Um hindu podia matar sua esposa adúltera; na China e no Japão, o suicídio era cometido pela esposa adúltera. Nessas sociedades patriarcais uma esposa promíscua era considerada uma ameaça à posição social masculina, estando tanto seus ancestrais quanto os descendentes em risco.

A primeira vez em que o padrão duplo para o adultério foi registrado na civilização ocidental em códigos legais foi entre 1800 e 1100 a. C., em cidades da antiga Mesopotâmia (vale do Rio Tigre e do Eufrates). As partes desses códigos que se referiam à posição legal e aos direitos e deveres das mulheres diziam que elas tinham que manter sua virtude, da mesma maneira como pensavam os outros povos agrários. Foi a primeira evidência escrita da subjugação da mulher nas sociedades agrícolas da antiga Mesopotâmia, na qual as mulheres eram consideradas bens e propriedades. Esta inferioridade das mulheres com relação aos homens tem relação com o advento do arado na produção de alimentos. Antes, as pessoas utilizavam a enxada e as mulheres realizavam a maior parte do trabalho no campo (Whyte, 1978), mas com o surgimento do arado, em torno de 3000 a. C., que necessitava de uma força muito maior para ser usado, os homens passaram a ficar com a maior parte das tarefas agrícolas. Com a invenção do arado as mulheres perderam seu antigo papel de coletoras e provedoras de alimentos, passando a ser inferiores aos homens. Fisher explica ainda que:

“A maneira exata em que o arado e a vida agrícola produziram essas mudanças na sexualidade ocidental, vem sendo objeto de debates por mais de um século. Eu diria que a vida sedentária, a necessidade de monogamia por toda a vida, o aparecimento de sociedades divididas em classes e a frequência das guerras, assim como uma propriedade característica da testosterona – o hormônio sexual masculino – desempenharam papéis importantes nesse processo”. (Fisher, 1995, p. 330).

O Oriente Médio não era o único local onde as mulheres eram tratadas como propriedades produtoras de filhos e seres subservientes. Quase todas as culturas agrícolas compartilhavam desses costumes (Whyte, 1978). Na China, por exemplo, sabe-se que a partir dos quatro anos, os dedos dos pés (menos o dedão) das meninas de classe alta eram curvados para baixo e amarrados com força, o que provocava dores fortes ao andarem, o que impossibilitava de fugir da casa dos futuros maridos. Na Grécia, as meninas casavam-se aos quatorze anos, fato que garantia sua castidade. Os povos germânicos que invadiram Roma compravam e vendiam mulheres. Enquanto os homens tornavam-se poderosos, como sacerdotes, líderes políticos, guerreiros, as mulheres sempre tinham um dono.

Com relação aos dias atuais, Giddens (1993) explica que a proporção de mulheres casadas há mais de cinco anos que têm encontros sexuais extraconjugais é, hoje em dia, virtualmente a mesma que a de homens que se encontram na mesma situação. O padrão duplo ainda existe, mas as mulheres não são mais tolerantes diante da perspectiva de que – enquanto os homens necessitam de variedade e pode-se esperar que se envolvam em aventuras extraconjugais – elas não se comportem do mesmo modo (p. 22). A título de exemplo disto, no contexto brasileiro, uma pesquisa realizada com 166 mulheres de 18 a 50 anos, universitárias e pertencentes à camada média urbana carioca, chegou-se à proporção de 54,3% (90) que haviam sido infiéis⁵. Além disso, von der Weid (2004) destaca que nesta pesquisa a porcentagem de solteiras que consideram a possibilidade de serem amantes (26,6%, 32 das 123 solteiras) foi menor do que a de casadas (45,4%, 15 das 33 casadas).

5 A pesquisa intitulada “Mudanças nos papéis de gênero, sexualidade e conjugalidade nas camadas médias urbanas do Rio de Janeiro” foi realizada entre 1998 e 2000 e coordenada pela antropóloga Mirian Goldenberg; os dados citados neste trabalho referem-se a esta pesquisa, que estão disponíveis no artigo de Weid (2004): “Perdoa-me por te trair: um estudo antropológico sobre a infidelidade feminina”.

2.3 Os castigos contra os praticantes do adultério

Para a maior parte das mulheres, amar um homem é enganar um outro (Étienne Rey)

Alguns exemplos de “castigos” contra aquele que cometesse o adultério nos vales do Tigre e Eufrates incluíam, no caso das mulheres, execução ou ter seu nariz decepado. Outros exemplos encontrados em registros de demais povos eram o açoitamento público, a marcação com ferro quente, o espancamento, a mutilação dos genitais, a decepção das orelhas, a retalhação dos pés, o abandono, a morte por apedrejamento, fogo, afogamento, sufocamento, arma de fogo ou golpes de punhal (Fisher, 1995, p. 89 e 98).

Okimura e Norton (1998) registraram casos de mulheres que tiveram as pontas de seus narizes cortados recentemente (vinte e cinco anos atrás, como foi o primeiro caso ilustrado pelos autores no artigo), na República do Kiribati, uma ilha localizada na Micronésia, Oceano Pacífico. Algumas delas procuraram cirurgias plásticas para reconstrução do nariz na Austrália. Cortar a ponta do nariz como punição por adultério é uma tradicional forma de mutilação conjugal e é aceita como uma prática cultural, apesar de ser incomum, na República do Kiribati e em outras ilhas da Micronésia. Nos anos sessenta ainda era comum tal prática, tanto mulheres traídas desfiguravam os narizes das suas rivais, quanto os homens também o faziam com as mulheres que os traíssem, para logo em seguida abandoná-las. O objetivo de cortar o nariz da esposa adúltera era destruir e desfigurar um importante aspecto da atratividade sexual, o seu rosto. As punições contra as mulheres em Kiribati começam menos severas até chegar ao corte do nariz. Primeiro, o marido pode bater na esposa que se vestir inapropriadamente, depois pode bater nela na frente dos seus parentes, caso seja vista conversando em público com outro homem. Por último, em casos de adultério, ele corta-lhe a ponta de seu nariz, destruindo-lhe o a sua beleza facial e deixando para sempre uma marca permanente e pública do seu mau comportamento.

Apesar de ser uma prática cultural muito agressiva, e uma forma marcante de punição contra as traições provocadas por mulheres, Okimura e Norton (1998)

relatam que ao longo da história várias outras civilizações também a praticaram. Na Roma antiga e na Índia, tal prática era usada não só como penalidade contra o adultério como também contra ladrões e prisioneiros de guerra. Algumas tribos de índios americanos (Apache, Blackfeet, Mesquakie) também cortavam e mordiam os narizes de suas mulheres adúlteras. Os antigos egípcios, os paquistaneses, os sérvios e os europeus também possuíam tais práticas.

Apesar de ser visto como uma transgressão, um pecado, algo que pode destruir um casamento, gerar muito sofrimento, culpa, vergonha por parte de quem o descobre, o adultério sempre foi e é um ato muito comum em várias sociedades. Algumas pesquisas comprovam esta afirmativa, como veremos a seguir.

2.4

As pesquisas sobre o adultério, a infidelidade e a traição.

Jablonski (1998) faz algumas colocações a respeito dos relatórios Kinsey, dizendo que os mesmos datam de 1948 (O Comportamento Sexual do Macho Humano) e 1953 (O Comportamento Sexual da Fêmea Humana) e foram estudos quantitativos que se tornaram famosos por apresentar, detalhadamente, hábitos e preferências sexuais de homens e mulheres americanos. Apesar de todas as falhas metodológicas e das críticas que se fazem hoje àqueles trabalhos, inegavelmente eles trouxeram à luz muitas coisas de que se suspeitava e de que não se suspeitava acerca da sexualidade naquela sociedade. Outros resultados da pesquisa destacados por Jablonski é que apenas 20% das entrevistadas com nível superior tiveram relações pré-maritais e esse número sobe para quase 40% entre as sem nível superior. E os homens exibiram significativa experiência sexual e atividades pré e extramaritais.

Além disso, os relatórios Kinsey declaram que pouco mais de um terço dos maridos em uma amostra de mais de seis mil homens, eram infiéis. O problema encontrado nesta pesquisa foi que os homens relutaram em falar sobre suas traições, então, Kinsey presumiu na época que os números encontrados estavam abaixo da realidade. Metade dos homens norte-americanos foram infiéis em algum momento em seus casamentos, foi a estimativa encontrada na época. Além disto, 26% das quase sete mil mulheres casadas, divorciadas ou viúvas pesquisadas envolveram-se em relações sexuais extraconjugais até os quarenta anos de idade. Assim sendo, 41 % delas tiveram relações sexuais com um só parceiro, 40% fizeram amor com dois a cinco parceiros e 19 % tiveram mais de cinco relacionamentos extraconjugais (Kinsey, 1948 e 1953 *apud* Fisher, 1995).

Durante a chamada Revolução Sexual, que aconteceu entre os anos sessenta e setenta, uma outra pesquisa foi realizada por Hunt (1974), patrocinada pela revista Playboy. Nela constatou-se que 40% dos 691 homens e cerca de 25% das 740 mulheres brancas casadas da classe média, tiveram casos extraconjugais (Hunt, 1974 *apud* Fisher, 1995). Diferenças quanto às relações fora do casamento cometidas por mulheres casadas mais jovens também foram relatadas nesta

pesquisa. Enquanto que, nos anos 50, 9% das esposas de menos de 25 anos de idade tiveram relações extramaritais, nos anos 70 eram 25%.

Blow e Hartnett⁶ (2005b) destacam as pesquisas mais recentes que levantaram a prevalência da infidelidade. Muitos estudos existentes que são baseados em pesquisas de campo tentam chegar a uma estimativa mais exata possível de quantas pessoas se engajam em comportamentos infiéis. E tais estudos chegam a estatísticas mais fidedignas quando estão focados nas relações sexuais de casais heterossexuais, contendo amostras representativas e em larga escala. Como exemplo, em 1994 um estudo foi realizado com 884 homens e 1288 mulheres e chegou aos números de 78% dos homens e 88% das mulheres negando que tivessem realizado sexo fora do casamento (Wiederman, 1997 *apud* Blow e Hartnett, 2005b). É importante dizer que neste estudo objetivou-se chegar à prevalência, à incidência e às correlações das relações extramaritais e para tal, os dados foram coletados através de questionários e entrevistas presenciais que incluíam a etnia, tipo e tamanho da comunidade a que pertencia o participante, seu estado civil, sua experiência sexual, as atitudes com relação às relações extramaritais e ocorrência de relações extramaritais ao longo da vida e ao longo dos últimos doze meses (Blow e Hartnett, 2005a).

Pesquisas feitas entre 1991 e 1996, com uma amostra de 4118 pessoas casadas, chegaram a resultados semelhantes à anterior, dentre os quais 13% da amostra admitiram ter feito sexo fora do casamento (Atkins, Baucom e Jacobson, 2001 *apud* Blow e Hartnett, 2005b). Esta pesquisa examinou a influência das variáveis que levam as pessoas a cometerem a infidelidade, através de perguntas a respeito da satisfação com o atual casamento (Blow e Hartnett, 2005a).

Existem também pesquisas no contexto brasileiro. Jablonski (2005) e sua equipe de pesquisa da PUC-Rio aplicaram questionários em 1986, 1993 e 2003 que procuraram levantar as atitudes e expectativas de jovens solteiros acerca do casamento. Várias questões foram pesquisadas, como sexualidade, papéis da mulher, importância do amor, dentre outros. Quanto à questão da infidelidade, indagou-se se o entrevistado admitiria a possibilidade de relações extraconjugais

⁶ Estes autores realizaram uma revisão das principais pesquisas já feitas sobre a infidelidade desde 1980, focando primeiro nas metodologias e limitações de tais pesquisas (2005a) e depois, em um segundo artigo, uma revisão geral dos principais achados das pesquisas sobre infidelidade, destacadas por eles (2005b).

para o homem / para a mulher. A dupla moral permanece, com os homens tendo maior liberdade: em 1986, 35% dos entrevistados admitiam a infidelidade para os homens e só 24% para as mulheres. Em 1993 os números foram de 18 e 13% e em 2003, de 16 e 9%. Podemos pensar que para além da visível diferença entre as estatísticas para os homens e para as mulheres, quanto à questão de quem tem mais liberdade para ser infiel com o parceiro, tais números também indicam um decréscimo da aceitação da infidelidade no decorrer dos anos, tanto para homens quanto para mulheres. Isto pode significar uma mudança nos padrões de atitude das pessoas com relação à infidelidade. Ou seja, parece que a infidelidade, hoje em dia, não está sendo mais tão aceita quanto antes, tanto por homens quanto por mulheres. Cada vez menos pessoas admitem que haja a possibilidade da ocorrência de relações extraconjugais dentro de uma relação amorosa.

Quando questionados a respeito do número de pessoas com quem tiveram relações sexuais durante o namoro, 33% da amostra em 1993 disse que ao menos uma vez foi infiel: 50% dos homens e 22% das mulheres admitiram terem sido infiéis. Em 1986 o número foi de 26%, enquanto que em 2003 o percentual foi de 20,6%, com os homens admitindo serem bem mais infiéis que as mulheres (32,8%, contra os 10,4% das mulheres).

Uma pesquisa realizada no contexto carioca pela antropóloga Mirian Goldenberg intitulada “Mudanças nos papéis de gênero, sexualidade e conjugalidade nas camadas médias urbanas do Rio de Janeiro” também revela dados interessantes. Participaram desta pesquisa um total de 166 mulheres, dentre as quais 90 admitiram já terem sido infiéis. As mulheres que tinham menos de 30 anos foram mais infiéis que as mais velhas, chegando a 60% em mulheres com até 20 anos. Apenas 20% das mulheres com 41 a 50 anos afirmaram já terem sido infiéis. Na faixa de 31 a 40 anos, 45% já foram infiéis (von der Weid, 2004).

Ao final desta pesquisa Goldenberg (2006) já havia pesquisado um total de 1279 homens e mulheres das camadas médias urbanas do Rio de Janeiro. No todo, quando foram questionados se já haviam sido infiéis, 60% dos homens e 47% das mulheres afirmaram que sim. E se já haviam sido traídos, 41% das mulheres e 32% dos homens disseram que sim. Pode-se inferir, a partir desta diferença obtida entre percentuais de homens e mulheres que já haviam sido infiéis (mais homens e mulheres) e os que já haviam sido traídos (menos homens e mulheres), que muitas vezes a traição acontece dentro de uma relação amorosa, mas não é descoberta e

muito menos admitida, tanto pelo homem quanto pela mulher. Esta pode ser a razão pela qual menos homens e mulheres admitiram terem sido traídos. Ao lado disto, sabe-se que, culturalmente, os homens raramente admitiriam que foram traídos por suas parceiras, pois parece existir ainda uma pressão social que lhes confere muita liberdade para trair, mas não para serem traídos, fato considerado quase que inadmissível em uma cultura dita como “machista”.

Em um outro estudo, Goldenberg (1990) procurou estudar um comportamento feminino considerado como desviante na cultura brasileira: a condição de “outra” ou de amante de um homem casado. Neste trabalho Goldenberg constatou que na faixa etária dos vinte anos as entrevistadas encaram a situação de Outra como passageira e não pressionam os amantes para se separarem das mulheres oficiais, pois têm medo dessa responsabilidade e não apostam neste tipo de relação. Já as mulheres na faixa dos quarenta anos acreditam que estão vivendo uma situação transitória, porque esperam que seus amantes se separem em breve de suas esposas para, então, se casarem com elas, o que de fato aconteceu com algumas entrevistadas. E na faixa dos cinquenta anos, aceitam-se em definitivo como Outras. Um dado curioso desta pesquisa é que todas as entrevistadas possuíam grande preocupação com a fidelidade, acreditando que seus homens não mantinham mais relações sexuais com suas esposas. Ou seja, Goldenberg conclui a partir disto que:

“A exclusividade sexual dos parceiros é, para as pesquisadas, o que justifica a importância da relação e a crença que esta é mais verdadeira do que o casamento oficial” (2006, p. 64).

Porém, Blow e Hartnett (2005a) enfatizam a existência de poucas pesquisas na literatura sobre infidelidade. Apesar de ser um fenômeno comum em casamentos, é muito pouco compreendido pelos pesquisadores. Existe muita especulação, curiosidade em torno da infidelidade, mas as pesquisas realizadas demonstram uma diversidade enorme na escolha do foco a ser pesquisado, produzindo resultados muito contraditórios. Sobre a própria definição da palavra infidelidade não há um consenso na literatura encontrada. “Ter um *affair*”, “relações extramaritais”, “trapaceando”, “relações sexuais”, “sexo oral”, “beijando”, “acariciando”, “relações emocionais fora da amizade”, “relações na internet” e outras palavras são usadas por diversos pesquisadores para falar de

infidelidade, com a maioria deles tendo um foco no estudo da infidelidade dentre os heterossexuais (Blow e Hartnett, 2005a, p. 186).

Pesquisar sobre a infidelidade é difícil, pois ainda de acordo com Blow e Hartnett, é um assunto complicado de se falar abertamente por conta das percepções negativas da sociedade sobre o assunto e por conta dos danos que são causados aos indivíduos, nos seus relacionamentos, famílias, e carreiras. Por isso, todos temem que seus relatos confidenciais sejam revelados, principalmente dentre aqueles que já foram infiéis em algum momento de suas vidas. O anonimato, então, deve ser sempre usado nas pesquisas sobre infidelidade, para preservar os participantes (Blow e Hartnett, 2005a, p. 187).

2.4.1

O Trabalho de A. Lawson

Para Lawson (1988), socióloga americana, a própria palavra adultério já carrega um estigma e sensos de pecado, culpa, crime e vergonha. Afinal, como foi colocado anteriormente, no decorrer dos tempos, a Igreja e a Lei instituíram tais sentimentos ligados ao adultério. A pesquisa realizada por ela foi tanto qualitativa quanto quantitativa. Foram escolhidos métodos de levantamento de dados e entrevistas, além de discussões em grupos pequenos. Quinhentas e setenta e nove pessoas completaram extensos questionários que resultaram nos dados estatísticos e mais ou menos cem foram entrevistadas ou participaram dos grupos de discussão. As conversas foram gravadas e transcritas.

A parte quantitativa da pesquisa baseou-se em questionários aplicados em sujeitos de classe média, brancos, de ambos os sexos, casados ou envolvidos em ligações duradouras na Inglaterra. Os resultados da pesquisa chegaram a um total de 73% de pessoas que declararam terem sido infiéis. Uma quantidade muito próxima de homens e de mulheres revelou que já tinha tido uma ou mais ligações adúlteras, com uma diferença mínima de 2% para os homens. Foi realmente um número surpreendente de pessoas que relataram já terem sido infiéis.

Com relação ao divórcio, por séculos na cultura ocidental, este foi conectado ao adultério e por muito tempo foi praticamente o único e mais forte motivo pelo qual o homem poderia se separar da esposa. Sobre isso, Fisher também destaca um estudo realizado em cento e sessenta sociedades, pela antropóloga L. Betzig (1989), que chegou à conclusão de que a infidelidade, por parte da mulher, é a razão mais comumente alegada para a solicitação de um divórcio (Fisher, 1995, p. 115).

Além disto, apesar de se falar muito sobre sexo atualmente, em livros, artigos, em escolas que têm educação sexual, em filmes explícitos, panfletos explicativos, Lawson destaca que a essência do relacionamento sexual e amoroso é levada sempre a uma espécie de confissão – a uma auto-revelação. Nas suas palavras, o adultério é um relacionamento que é na sua essência, secreto, embora as suas conseqüências possam se tornar públicas.

Com relação ao adultério nos tempos modernos, certos elementos retêm uma importância particular para a autora, como por exemplo, o heroísmo em conseguir ultrapassar obstáculos por amor e o desejo de possuir o que não pode ser obtido, o inalcançável; o prazer no que é ilícito e secreto; o drama que é vivido no ato de conhecer e se separar de alguém; o sentimento de ser tomado pela emoção e pelo poder; o sofrimento da traição profunda que está sempre envolvido; o desafio da ordem social ao lado da possibilidade de punição e exclusão da sociedade civil; e o fato do adultério não ter lugar em si mesmo, na sociedade como um todo. Com relação a isto, Tanner (1979) enfatiza que a sociedade depende para a sua existência de regras que governem as relações; o adultério traz a concepção de coisas erradas em lugares errados, ou de pessoas erradas em camas erradas, indo de encontro às tais regras que regem as relações humanas, tais como fidelidade, exclusividade, respeito mútuo, sinceridade, etc.

Veremos agora de que forma Lawson classifica os tipos de adultério encontrados por ela na sua pesquisa.

2.4.2 Tipos de Adultério

O primeiro é o “adultério paralelo” no qual a esposa fecha os olhos ou desculpa o marido adúltero através do seu silêncio, mesmo se ela não aprova ou não aprecia o fato da traição do marido. Ou seja, este tipo de adultério corresponde àquele em que a esposa toma conhecimento e aceita o relacionamento do marido com uma outra mulher. Neste caso, o homem pode prover ou dar suporte financeiro e até mesmo requerer que a amante permaneça ligada sexualmente somente a ele.

O segundo tipo é o “adultério tradicional” que provoca uma espécie de quebra no casamento. É um “relacionamento ilícito por excelência” que normalmente pelo menos a princípio, é mantido em segredo. Nele, muito esforço é gasto para garantir que o (a) esposo(a) não fique sabendo de nada, apesar dos que estão ao redor, os amigos em comum, saibam de tudo. Este tipo de adultério foi mais comumente exercido pelas mulheres (esposas). Uma interessante

explicação para esta forma de adultério é dada por Lawson: enquanto que no casamento, tradicionalmente, o homem tinha o poder em mãos e a mulher era requerida a servi-lo e a nutri-lo, no adultério a relação de poder é invertida. A mulher é quem decide iniciar um relacionamento extraconjugal, controlando o seu progresso, incluindo a decisão de quando deve terminar ou não o romance. Um adultério paralelo pode se tornar tradicional, ou vice-versa. Isso pode ocorrer, por exemplo, quando uma ligação tradicional e secreta de uma esposa for descoberta, e ela pode persuadir o seu marido a aceitá-la; ou uma amante de longa data, que já foi aceita pela esposa, pode demandar o divórcio, o que pode trazer as duas mulheres para um conflito aberto.

Finalmente o terceiro tipo de adultério é o “adultério de recreação”, que é aquele que satisfaz o desejo de brincar. Geralmente aqueles que o praticam, é na intenção de chegar ao prazer e de evitar o dilema moral, convidando mais gente para brincar também, incluindo ou excluindo seus cônjuges. Nas palavras da autora,

“Este [adultério de recreação] pode mover-se facilmente para o paralelo ou o tradicional, mas enquanto estes eu caracterizo como tendo uma certa solidez e resistência, o adultério de recreação é breve, uma maneira de viver perigosamente, mas não para arriscar tudo que é valioso, ou manejar o dilema moral insistindo na divisão ‘só sexo e sexo com amor’. Este é, como o próprio nome diz, despreocupado, não é sério ou compromissado, mas é para diversão, pela alegria de viver (...)” (Lawson, 1988, p. 54, tradução livre).

Este adultério pode ocorrer devido à necessidade de satisfazer os caprichos do apetite sexual, o que não significa necessariamente incompatibilidade com uma perfeita e sincera devoção para com o cônjuge, que já tenha se tornado um companheiro ou amigo de longa data. Ou também, pode significar a culminação de uma expressão de um sentimento detestável de um cônjuge por outro.

Independentemente do tipo de adultério, fica claro que na história, este ato já teve muitos significados diferentes que resultavam em diversos fins, dependendo, antes de tudo, se era cometido pela esposa ou pelo marido. Outro fator importante a se considerar quanto ao adultério é que as condições nos tempos modernos foram alteradas, ou seja, a igualdade entre homens e mulheres é um ideal (apesar de ainda não ser um fato). O adultério é ainda condenado igualmente tanto por homens quanto por mulheres.

O sentimento de transgressão no ato do adultério e como sendo algo que é basicamente errado, atravessa os séculos e não é facilmente descartado ainda hoje. Mas, quais serão as razões apontadas para a prática do adultério?

2.5 Razões para a infidelidade e para o adultério

Existem muitas razões diferentes para o adultério, apontadas por diversos autores. É importante deixar claro que nem todos concordam com a posição defendida por Fisher (1995) que destaca as razões biológicas, sendo apenas uma dentre outras teorias que são sustentadas por outros autores. De acordo com esta explicação, o homem é mais interessado em variedade sexual por uma explicação darwiniana, ou seja, para gerar descendentes com sua carga genética. Por milênios os homens que buscavam variedade sexual engravidavam mais mulheres, gerando mais filhos e conseguiam que sua linhagem genética prevalecesse. Já com relação às mulheres, o objetivo delas, pelo menos das mulheres ancestrais, era encontrar um único protetor que assegurasse a sobrevivência de seus filhos, até porque a mulher, ao contrário do homem, não pode engravidar todas as vezes que faz sexo, devido ao ciclo menstrual. A explicação da reprodução genética não caberia no caso delas. Uma mulher que buscasse a variedade sexual corria sempre um risco de encontrar um parceiro ciumento que a desamparasse a qualquer momento. Então, de acordo com esta explicação, os homens seriam mais interessados na busca de variedade sexual do que as mulheres, por natureza.

Há outra linha de explicação para o adultério feminino, que sempre existiu, apesar de ser menos constante que o masculino. De acordo com esta, as mulheres que procurassem mais homens teriam mais abrigo e alimentos, e conseqüentemente, mais proteção e saúde, o que garantiria a sobrevivência dos filhos. Além disso, caso um marido morresse, ou abandonasse o lar, ela teria outro a quem pedir socorro. Se a mulher tivesse um companheiro com má saúde, ela procuraria outro homem para melhorar sua linhagem genética. E outra explicação

seria que o fato de muitos filhos serem gerados de homens diferentes, aumentaria a sobrevivência deles às variações climáticas do ambiente (Fisher, 1995, p. 102)⁷.

Além da explicação biológica, existem outras, baseadas na motivação e nas diferenças individuais de cada pessoa que levam à infidelidade. Um dos primeiros estudiosos a examinar a infidelidade, como já foi colocado anteriormente, foi Kinsey (1948), que fez a distinção entre infidelidade emocional e sexual e foi observado que a infidelidade tende a resultar em divórcio se a esposa acredita que a relação estabelecida com a rival escolhida pelo marido tem uma carga emocional mais intensa do que a sua. Barta e Kiene (2005) explicam que, de acordo com os achados de Kinsey, os homens tendem a declarar que o relacionamento extraconjugal foi apenas físico, ou seja, foi caracterizado por sexo, sem carga emocional. Já as mulheres tendem a se envolver com outros homens com intimidade emocional. Alguns autores questionam esta dicotomia entre relacionamentos sexuais e emocionais, pois onde há sexo supõe-se que haja algum nível de intimidade emocional. E quando perguntaram para pessoas que participaram de suas pesquisas sobre o que é um relacionamento “puramente sexual” ou “puramente emocional”, os resultados foram confusos (DeSteno et al., 2002 apud Barta e Kiene, 2005).

A infidelidade emocional existe quando o parceiro sente que está apaixonado por outra pessoa, fora de seu relacionamento. Quando não há um componente sexual manifesto, a infidelidade emocional também pode ocorrer. São os casos da infidelidade mediada por computador, pelo uso da Internet. Neste caso o relacionamento é estabelecido sem contato visual ou físico pelos parceiros e não há um objetivo principal e aparente de achar um parceiro sexual (Barta e Kiene, 2005).

A maioria dos casos de infidelidade marital, porém, cai no meio dos dois tipos descritos (emocional e sexual). De acordo com relatos de cônjuges infiéis, 56% dos homens e 63% das mulheres descreveram seus relacionamentos extramaritais como tendo preenchido suas necessidades emocionais e sexuais igualmente (Thompson, 1984 apud Barta e Kiene, 2005).

⁷ A título de curiosidade, ainda dentro desta explicação biológica, foi realizado um estudo na Grã-Bretanha com duplas de mulheres gêmeas que chegou à conclusão de que se uma das duas tivesse um histórico de infidelidade, as chances da irmã também apresentar o problema seriam de 55%. Mas ainda não foi descoberto o “gene da infidelidade” (disponível em BBC Brasil.com, 2004).

Jablonski (1998) explica que as relações extramaritais podem ser causa ou consequência de problemas dentro do casamento, ou simplesmente não haver nenhuma relação entre um e outro. De acordo com ele, na maioria dos casos, acredita-se que as relações extramaritais derivam de necessidade de variação sexual, da busca de novas satisfações emocionais, o que pode ser reflexo de maus casamentos, e até mesmo por retaliação. Há ainda a influência de outros fatores, como o envelhecimento (e a necessidade de se provar que ainda está bem), imaturidade, alcoolismo, surgimento de oportunidades, dentre outros.

Já Goldenberg (2006) coloca que os dados demográficos mostram que existe uma demanda excessiva de mulheres e uma oferta reduzida de homens, o que justificaria a infidelidade conjugal. Isto porque, quanto mais velhas as mulheres ficam, maior a competição por poucos homens, e quanto mais velhos os homens, mas eles têm escolhas no mercado matrimonial. Já para as mulheres restam as opções de serem amantes de um homem casado, a solidão, a relação com outra mulher ou buscar parceiros mais jovens que elas. Os dados brasileiros mostram que aos 65 anos, 80% dos homens estão casados e as mulheres são apenas 30%. Ou seja, há muito mais mulheres não casadas na medida em que envelhecem, do que homens, fato que aumenta a probabilidade do homem buscar outras mulheres para se relacionar fora dos seus casamentos.

Nesta pesquisa, Goldenberg chegou à conclusão de que as razões para a infidelidade mais apontadas pelas mulheres foram: “falta de amor, insatisfação, crise ou problemas do relacionamento”. Já os homens apontaram, além destes mesmos motivos, outros, tais como: “natureza masculina, instinto, aconteceu, oportunidade, atração, desejo, vontade, tesão, “testicocefalia”, não consegui resistir, para não me arrepender das oportunidades que perdi”.

Quanto às reações frente à descoberta da infidelidade de um dos parceiros, Cann, Mangum e Wells (2001) observaram que atitudes e crenças a respeito dos relacionamentos podem modificar a forma como homens e mulheres respondem à infidelidade. O sentimento de dor e aflição frente à infidelidade emocional foi mais aparente, na pesquisa deles, naquelas pessoas que idealizavam o romance nos seus relacionamentos. Murphy et. al. (2005) explicam que o homem demonstra ciúmes quando descobre que sua parceira foi infiel sexualmente e os ciúmes na mulher serão ativados quando descobre que seu parceiro se envolveu emocionalmente com outra pessoa. A mulher tende a achar que seu parceiro foi

emocionalmente infiel porque não está mais disposto a investir nela de maneira exclusiva.

Já para Goldenberg (2006), somente 30% das pessoas que já foram traídas terminaram a relação por causa disto. A maioria dos homens e mulheres, de acordo com a pesquisadora, reage à descoberta da traição, brigando, chorando, xingando, mas passado o choque inicial, busca esquecer o que passou.

Porém, será que é só no mundo real, nos relacionamentos que se desenvolvem face-a-face, que a infidelidade acontece? Estamos falando até aqui de relacionamentos que se desenvolvem no mundo real, porém, existem outros que já há alguns anos, começaram a surgir, através da mediação do computador e da Rede Mundial de Computadores, a Internet. Passaremos, no próximo capítulo, para a descrição deste “mundo virtual”, seu histórico e suas características.

3

O Surgimento da Internet

A Internet nasceu de um projeto de pesquisa militar (ARPA: Advanced Research Projects Agency), no período da guerra fria, no final dos anos cinquenta e início dos anos sessenta. De acordo com Lima (2000), este projeto surgiu como resposta do governo americano ao lançamento do Sputnik pela ex-União Soviética. Inicialmente a idéia era conectar os mais importantes centros universitários de pesquisa americanos com o Pentágono para permitir não só a troca de informações rápidas e protegidas, mas também para instrumentalizar o país como uma tecnologia que possibilitasse a sobrevivência de canais de informação no caso de uma guerra nuclear. Os iniciadores do projeto jamais poderiam imaginar que a Internet cresceria tanto quanto hoje. A tecnologia utilizada na época para transmissão de dados foi criada com o nome de WAN (Wide Area Networks), mas a linguagem utilizada nos computadores ligados em rede era muito complicada, por isso, na época, o potencial de alastramento da Internet não podia ser imaginado (Merkle e Richardson, 2000).

Durante a década de setenta, com a revisão das limitações dos programas utilizados nos computadores em rede, o e-mail (eletronic mail) tornou-se o primeiro uso da Internet entre os pesquisadores, porque possibilitava que a comunicação entre eles fosse facilmente acessível, e também para trocar informações dentro das universidades. As aplicações comerciais da Internet começaram a acontecer nos anos oitenta com os primeiros provedores de serviço da Internet (ISP – International Service Providers) possibilitando ao usuário comum a conexão com a Rede Mundial de Computadores, de dentro de sua casa (Merkle e Richardson, 2000).

O que distingue a Internet de outros meios de telecomunicação é que ela faz uso de uma linguagem ou protocolo específico, chamado TCP/IP (Transmission Control Protocol / Internet Protocol), que lê a informação transmitida e a envia para o destino estabelecido pelo usuário. No fim de 1989 o sistema contava com mais de cem mil servidores envolvidos no projeto. Em 1992

o WWW (World Wide Web) foi lançado, aumentando consideravelmente o número de servidores conectados ao sistema (mais de um milhão). Com tal expansão, a Internet ganhou milhares de usuários ao redor do mundo, que podiam a partir de então, buscar - sem sair de suas casas - novas informações antes inacessíveis, através de pesquisas *online* e conhecer novas pessoas neste novo lugar chamado ciberespaço.

3.1

Os relacionamentos virtuais: quais são suas características e quem são as pessoas que se engajam neles?

“Libertadas das limitações impostas pelo corpo físico e pelas suas identidades, reputações e responsabilidades, as pessoas estão experimentando novos tipos de relacionamentos e expressões de amor e romance na Internet” (Maheu & Subotnik, 2001).

Atualmente a Internet continua a crescer e já está difundida pelo mundo todo, estando presente na realidade de milhões de pessoas, em seu ambientes de trabalho e suas casas. Em uma reportagem do Jornal O Globo de 9 de novembro de 2006 destacaram-se os dados de uma pesquisa referente ao uso do computador e da Internet dentre os brasileiros: em 2005 16,6% dos domicílios tinham pelo menos um computador, e em 2006 este número subiu para 19,6%. Quanto ao acesso à Internet em 2005, o percentual era de 13%, enquanto que em 2006 foi para 14,5%.

Quando o uso da Internet começou a ser difundido, o e-mail era o único meio de comunicação utilizado, mas com o crescimento da rede e com o advento de novos programas, o usuário poderia também se comunicar em tempo real com outra pessoa via IRC (Internet Relay Chat)⁸.

Existem duas formas de comunicação através da Internet, ou *online*: a síncrona e a assíncrona. Na primeira, os usuários estão conectados ao mesmo

⁸ Lima, p. 31, 2000.

tempo e conversam em tempo real. Os programas que utilizam esta forma de comunicação são as salas de bate-papo *online*, o antigo IRC, o quase extinto ICQ (I Seek You), e o MSN (Messenger), muito utilizado atualmente. Já as comunicações assíncronas não acontecem em tempo real e são mediadas através do uso de e-mails e dos sites de comunidades *online* ou virtuais. Falaremos mais sobre estes programas e os tipos de comunicações existentes na Internet mais adiante.

Antes de analisarmos os relacionamentos virtuais, porém, é preciso deixar claro um conceito muito usado desde o advento e a popularização da Internet. Tal conceito é usado para definir o meio no qual as relações mediadas pelo computador acontecem: o ciberespaço, ou mundo virtual. O termo foi criado por Gibson (1986), autor do livro *Neuromancer*. Nele, Whitty (2003) explica que o ciberespaço oferece experiências libertadoras, pois é o lugar onde os sonhos dos personagens podem ser realizados e cada um pode experimentar novas identidades.

O ciberespaço é definido como o ambiente criado de forma virtual⁹ através do uso dos meios de comunicação modernos, destacando-se entre eles a Internet. A palavra é resultado da junção de cibernético com espaço. O ciberespaço seria uma grande rede interconectada mundialmente, através de um processo de comunicação “universal”¹⁰. Para Ben-Ze’ev (2004), o que o ciberespaço traz de novidade é sua própria natureza interativa e esta mesma interatividade o transformou em uma realidade psicológica e social. Para o mesmo autor, o ciberespaço é um lugar onde pessoas reais têm interações reais com outras

⁹ Chama-se "virtual" tudo aquilo que diz respeito às comunicações via Internet. Além desta, há muitas concepções de virtual:

- Algo que é apenas potencial ainda não realizado (a definição histórica). Virtual referir-se-ia a uma categoria tão verdadeira como a real. O virtual não seria oponente ao real. E o virtual pode ser oposto ao atual, porque carrega uma potência de ser, enquanto o atual já é (ser).
- Algo que não é físico, apenas conceitual.
- Algo que não é real. Virtual é tudo aquilo que não é palpável, por exemplo, geralmente alguma abstração de algo real.
- A simulação de algo, como em Realidade Virtual. (Fonte: Wikipedia, enciclopédia virtual: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Virtual>)

¹⁰ Definição referida à Wikipedia (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ciberespa%C3%A7o>).

peessoas, enquanto podem moldar, ou até mesmo criar, as suas próprias personalidades e as de outras pessoas.

Os relacionamentos virtuais são aqueles, então, que são mediados pela rede mundial de computadores, a Internet e que acontecem no ciberespaço. Tais relacionamentos ou, como também são chamados, “*cyberaffairs*”, são entendidos como relacionamentos românticos e/ou sexuais que são iniciados via contato *online* e mantidos predominantemente através de conversas eletrônicas que ocorrem através de emails e comunidades virtuais, como as salas de bate-papo, jogos interativos, ou grupos de discussão *online* (Young, 1999a *apud* Young *et al*, 2000).

As salas de bate-papo *online* eram (e ainda são) muito acessadas para a procura de parceiros amorosos, como por exemplo, o site do UOL¹¹. Neste site, o usuário pode escolher em qual “sala” de bate-papo quer entrar, de acordo com a faixa etária, ou então pode escolher por cidades ou regiões, por preferência sexual, por tipos de encontros (românticos, entre amantes, descasados, ficantes, etc.), dentre outras. Outra forma de se conhecer pessoas era através do IRC¹², que é um programa de bate-papo diferente do site do UOL, pois sendo um programa, era instalado no computador e poderia ser acessado e conectado a Internet quando o usuário quisesse. O IRC também era utilizado para troca de arquivos, como as próprias fotos dos usuários. As conversas poderiam ser privadas ou públicas, e também aconteciam uma vez que a pessoa estivesse conectada a um canal e um servidor específico. Uma vez tendo encontrado uma pessoa com quem se desejasse relacionar mais intimamente, os usuários se encaminhavam para manter um relacionamento mais íntimo por meio de outros programas, como o ICQ¹³, o qual foi praticamente substituído atualmente pelo MSN (Messenger), que funciona da mesma maneira. A novidade introduzida pela atual versão do MSN, porém, foi a comunicação através não só da escrita, como também da imagem e da voz (com o uso da *webcam*), cada vez mais utilizada. Há outros programas atualmente que utilizam este recurso, como também o Skype.

¹¹ <http://tc.batepapo.uol.com.br/>

¹² “O IRC é um protocolo de comunicação criado originalmente pelo finlandês Jarkko Oikarinen, em 1988, que permite a conexão em rede de vários computadores, através de um servidor, e que possibilita que tudo o que se escreva com o teclado do computador seja recebido pelas outras pessoas que estejam presentes no canal onde a comunicação se processa” (Pinto, 2004).

¹³ O *I Seek You*, é um programa de bate-papo no qual se adiciona contatos de pessoas que o usuário desejar que façam parte da sua lista. Assim como o IRC, O ICQ é um programa que utiliza a comunicação síncrona, em tempo real, e online.

Estes tipos de comunicação *online* descritas até aqui são síncronas, mas há também as assíncronas, como os e-mails e as comunidades *online*, pois o tempo de resposta daquele que recebe a mensagem não é instantâneo. Envia-se a mensagem que é “salva” no programa de e-mail ou na comunidade da pessoa, sendo que só depois será lida e respondida. O Orkut, que será descrito em detalhes mais a diante neste trabalho, é um exemplo de comunidade virtual que utiliza a comunicação assíncrona.

3.2

As Comunidades Virtuais

Rheingold (1998) entende que as comunidades virtuais são agregados sociais que surgem da Rede, quando uma quantidade suficiente de pessoas leva adiante essas discussões públicas durante um tempo suficiente, com suficientes sentimentos humanos, para formar redes de relações pessoais no espaço cibernético.

As comunidades virtuais pressupõem que existam relações entre seus membros, ou seja, uma interatividade, com uma troca constante de informações. Deve haver ainda, uma variedade e estabilidade de comunicadores fazendo parte da comunidade. E por fim, que haja a sensação de permanência e de pertencimento por parte dos usuários. Estas são condições necessárias para a existência e permanência de uma comunidade virtual no ciberespaço. Uma das comunidades virtuais de maior sucesso no Brasil é o Orkut, cuja descrição será apresentada a seguir.

3.2.1 O Orkut

Em 22 de janeiro de 2004 começou a funcionar na Internet, uma comunidade virtual que ganhou fama entre os usuários brasileiros da Internet: O Orkut. O nome do site deve-se ao seu criador, Orkut Büyükkökten, um engenheiro de software, turco, que desenvolveu a rede social como um projeto independente enquanto estudava na Universidade de Stanford e mais tarde também enquanto trabalhava no Google. Criado nos Estados Unidos, o sistema já conta com milhões de usuários ao redor do mundo¹⁴. A respeito do seu funcionamento, Doom explica:

“Para quem não conhece, é preciso ser convidado por alguém que já é membro para poder participar. Após receber o convite, é necessário preencher um extenso formulário, em inglês, fornecendo dados pessoais, como nome, sobrenome, e-mail, onde trabalha, se é fumante, se bebe, se gosta de animais, qual o seu gosto musical, quais seus filmes prediletos, que tipo de comida aprecia, e muito mais. Ao final, pode-se anexar uma foto a essas informações, que irão compor o seu perfil. Terminada esta primeira etapa, você pode ir cadastrando seus amigos e visualizar seus perfis, ou até mesmo os perfis dos amigos de seus amigos, lembrando que todos também preencheram o tal formulário, e a maioria deles possui foto. Isso, por si só, é interessante. Às vezes, navegando por esses perfis, você descobre dois amigos seus que também são amigos entre si, e você nunca imaginou. Mas é apenas o começo”. (Doom, 2004).

O que diferencia o Orkut de outras comunidades virtuais, e o que justificou tanto sucesso entre seus usuários é, de acordo com Coscarelli (2004), a possibilidade de criar uma página personalizada na qual exibe fotografias e dados pessoais, ou seja, ele dá um “rosto” ao participante, dando ar de intimidade à comunidade.

Doom (2004) faz uma interessante comparação do Orkut com as salas de bate-papo, ou os chats, ressaltando que nestes as pessoas teclam com pessoas que não conhecem, com quem podem não se identificar. Já no Orkut, existe a possibilidade de se relacionar só com pessoas conhecidas ou com quem o usuário

¹⁴ Nos primeiros dias de abril de 2004 o número de usuários estava em torno de 190.000. Hoje, o Orkut conta com mais de 27 milhões de usuários conectados, sendo que destes, quase 65% são brasileiros.

deseje aceitar na sua lista, pois existe o acesso imediato às fotos das pessoas e ao “profile” (formulário com as características pessoais de cada um).

Uma característica interessante do programa é que, como existem outras diversas comunidades às quais é possível se associar, as pessoas têm a possibilidade de encontrar conhecidos que não vêem pessoalmente há muito tempo; como os amigos de colégio, de faculdade, de trabalho, de cursos, etc. Para tentar encontrar essas pessoas é só entrar nas comunidades específicas como, por exemplo, do colégio onde estudou, ou procurar pelo nome da pessoa.

A respeito da possibilidade de manutenção do contato virtual através do Orkut com pessoas que, porventura, possam se distanciar fisicamente ou geograficamente, é enfatizada com entusiasmo por Doom (2004):

“Mas é a longo prazo que essa pode ser uma ferramenta bastante útil, pois seus amigos vão sendo cadastrados e, com o passar do tempo, mesmo que acabem se distanciando, estarão sempre a um clique de distância. Chego a ficar com um pouco de inveja das pessoas que estão atualmente em idade escolar, e que agora possuem um recurso preciosíssimo para conservar suas amizades atuais pelo resto da existência porque, mesmo que o tempo e a distância digam não, como diz aquela música do Milton Nascimento, o Orkut sempre dirá sim. Os endereços, telefones, e-mails e outras referências podem mudar. Mas, se você e seus amigos sempre acessarem o Orkut, estarão sempre próximos, por mais distantes que estejam...” (Doom, 2004).

Para se conhecer ou reconhecer alguém no Orkut usa-se a ferramenta “profile” (o formulário com as características pessoais de cada um) e para mandar mensagens usa-se o “scrapbook”, uma espécie de mural de recados. Através do “scrapbook” as pessoas podem se comunicar livremente e todos os que fazem parte do Orkut (de maneira geral), podem ver abertamente o que está registrado ali naquele espaço virtual de bate-papo. A seguir estão disponíveis algumas ilustrações do site do Orkut, para que o leitor conheça suas principais características.

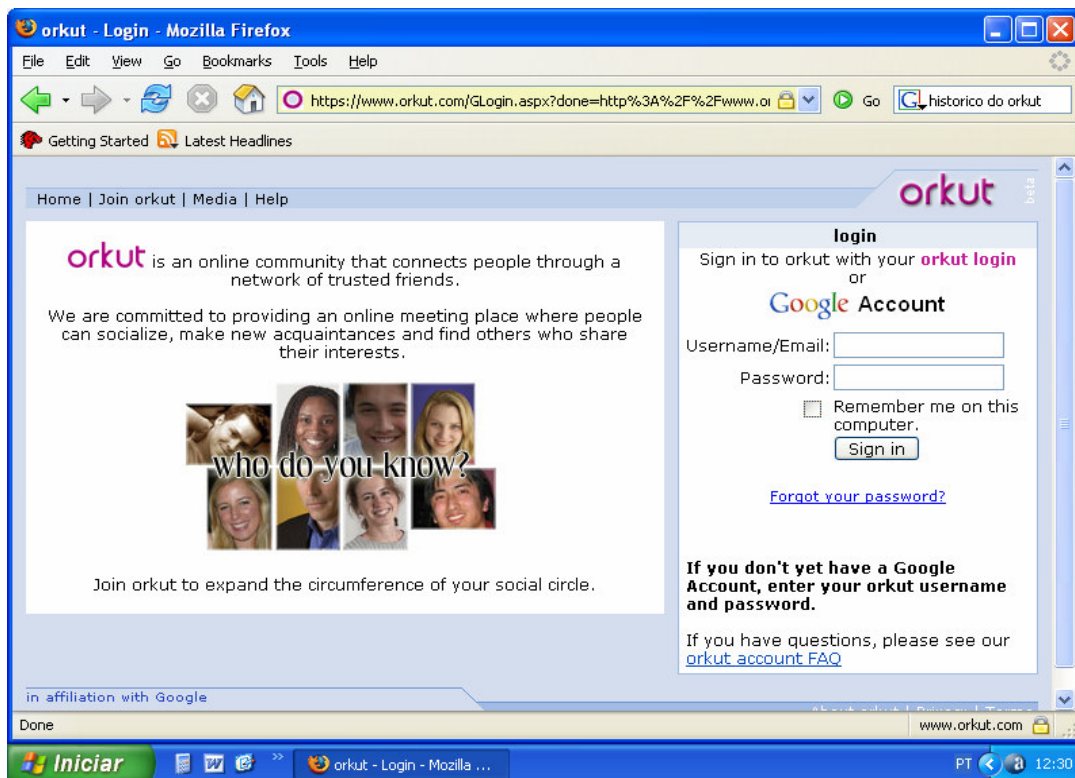


Figura 1: Página Inicial do Orkut



Figura 2: Exemplo de uma página pessoal no Orkut, com o “profile” social pessoa.

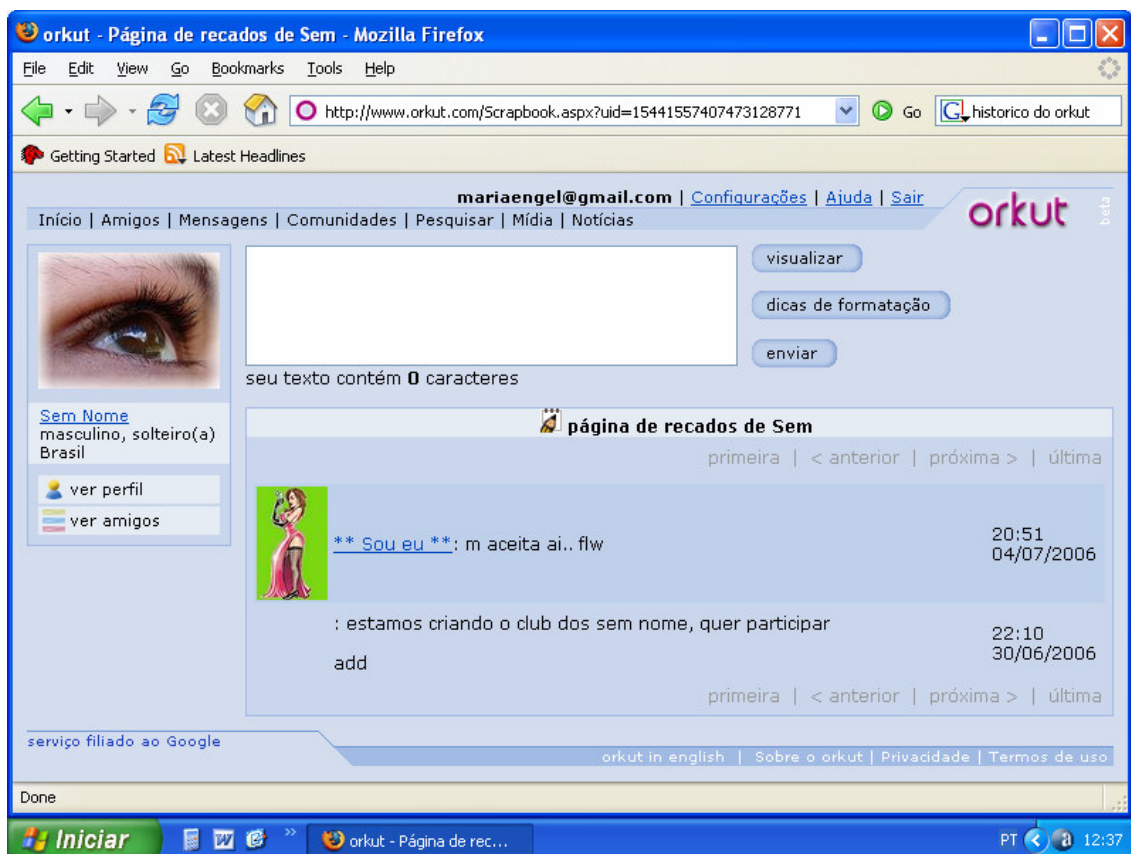


Figura 3: Exemplo de “scrapbook”, ou página de recados no Orkut.

Então, todas as pessoas que acessam o Orkut têm uma página pessoal nesta comunidade e podem acessar livremente as páginas das outras pessoas também. É possível entrar em contato tanto com pessoas que já eram conhecidas no mundo real como também com pessoas desconhecidas e que se deseja conhecer no mundo virtual. Desta forma, é possível que o Orkut também seja considerado como uma nova forma de se procurar novos amigos ou novos parceiros amorosos. Existe a possibilidade de pessoas que já têm um compromisso, duradouro ou não com alguém ou que já sejam casadas, entrarem na Internet e procurarem outras pessoas com quem se relacionar. A possibilidade da descoberta de infidelidade por parte do parceiro amoroso é bem possível, pois como foi explicado, existe no Orkut a possibilidade de qualquer pessoa entrar na página de recados de qualquer outra pessoa e lá ficam registradas as mensagens que já foram trocadas com várias pessoas. Mas, antes de falarmos a respeito da infidelidade na Internet e no Orkut, julgo necessário que o leitor conheça e entenda como se estabelecem os relacionamentos virtuais, que são aqueles que acontecem dentro da realidade virtual, ou seja, na Internet. Desta forma, o próximo item revela as principais

características e peculiaridades destes relacionamentos de acordo com alguns autores que vêm pesquisando o assunto há alguns anos.

3.3

Relacionamentos Virtuais X Relacionamentos Reais

“Ao contrário de estranhos em um trem, contudo, as pessoas freqüentemente interagem com aqueles que estão conhecendo online e assim a auto-revelação chega mais cedo, preparando o terreno para um relacionamento mais contínuo e próximo” (McKenna, Green e Gleason, 2002)

Alguns autores sugerem diferenças entre os relacionamentos virtuais e aqueles que se desenvolvem no mundo real, na medida em que os primeiros podem ser considerados como sendo uma variância dos últimos. Isto porque os relacionamentos virtuais alteram a seqüência das etapas que são seguidas para que se possa desenvolver atração e intimidade com outra pessoa. Nos relacionamentos face-a-face existem algumas fases que são seguidas e sinais a serem lidos até que um romance se inicie. Whitty (2003) destaca alguns destes sinais que são, na sua maioria, não-verbais: expressões faciais e gestos, como risos, gargalhadas e alguns sinais manifestados pela pessoa de que ela está atraída por outra. As pupilas oculares se dilatam quando uma pessoa está interessada por outra e, até mesmo o tom de voz se altera no momento do flerte. Existe maior proximidade corporal entre duas pessoas que estão flertando e o uso de acessórios, como jóias e roupas que embelezam a aparência, também são notados em pessoas que estão se interessando por outras. Por outro lado, enquanto que no mundo real a presença corporal é indispensável para que um relacionamento se inicie, na Internet os sinais corporais são completamente ausentes. Há outras ferramentas que são utilizadas para a sedução, através da própria escrita com todas as suas características específicas (como o uso dos “emoticons”, símbolos que representam expressões faciais, beijos e abraços que substituem a linguagem corporal). Desta forma se conclui que as interfaces textual e gráfica utilizadas nos

relacionamentos virtuais reduzem a importância da atração física que há nos relacionamentos reais.

A Internet também possibilita a conexão com pessoas do mundo todo, fato que diminui a necessidade – que há nos relacionamentos face-a-face – da proximidade espacial. A comunicação via Internet possibilita que os usuários utilizem o recurso de permanecerem anônimos para os outros com quem se comunicam e a auto-revelação de cada usuário só acontecerá se for de seu interesse que a outra pessoa o conheça e vice-versa (Merkle and Richardson, 2000).

Tal anonimato, que é possibilitado na Internet, facilita, para Ben-Ze'ev (2004) a auto-revelação, o que por si só, aumenta a familiaridade e a intimidade nos relacionamentos virtuais. Em tais relacionamentos, o processo de auto-revelação, necessário para se chegar à intimidade com outras pessoas, é mais rápido e profundo do que nos encontros face-a-face. As razões para tal fato são apontadas por Ben-Ze'ev: o anonimato e sua subsequente vulnerabilidade reduzida, a pouca importância dada às características físicas do parceiro e a facilidade de se achar outras pessoas com características parecidas na Rede. Pode-se dizer que o anonimato protege a pessoa contra uma exposição não desejada e possibilita a criação de outras personalidades e a expressão de várias fantasias, o que é dificilmente praticável no início dos relacionamentos reais.

Para Maheu e Subotnik (2001), fora da Internet ou *offline*, as pessoas podem até se encontrar rapidamente, mas demoram muito para se conhecer profundamente, pois é preciso tempo até estabelecerem um contato mais íntimo. Enquanto que dentro da Internet ou *online*, as pessoas passam a se conhecer mais rapidamente, demorando meses ou anos para marcar um encontro face-a-face. Para muitos tal encontro nem acontecerá de fato, preferindo manter o contato somente *online*. Uma outra característica apontada para tais contatos é que eles aceleram o desenvolvimento de um romance e o processo de sedução, pois a frequência com que ocorrem altera a percepção de intimidade. Devido a este fato, alguns relacionamentos chegam a ser tão íntimos na Internet, que apresentam características de um encontro sexual, sendo chamados de “*cybersex*” (ou sexo virtual):

“Eu (...) vou usar o termo [cybersex] em um sentido mais específico, me referindo a uma interação entre pelo menos duas pessoas que estão trocando mensagens em tempo real (...). As pessoas enviam mensagens provocativas e eróticas entre elas, com o objetivo de atingir o orgasmo, enquanto se masturbam em tempo real”. (Ben-Ze’ev, 2004, p. 5, tradução livre).

Para Ben-Ze’ev, o sexo no ciberespaço não é só seguro no sentido físico – a partir do momento em que as pessoas ficam livres das doenças sexualmente transmissíveis – como também no sentido psicológico, pois estar anônimo as protege de sofrerem mais intensamente, caso ocorra algum desapontamento ou desaprovação por parte do parceiro amoroso (fato que, nos relacionamentos face-a-face, acontece com mais frequência, pois não estamos “protegidos” pela máscara do anonimato).

O termo *cybersex* também pode se referir a algo mais genérico, como explicam Maheu e Subotnik (2001). Quando as pessoas usam conteúdos computadorizados, como textos, sons ou imagens obtidas de algum software ou da Internet com o objetivo de se estimularem sexualmente, estão fazendo também *cybersex*. Desta forma, além do sexo virtual ocorrer nas salas de bate-papo *online*, ele também é considerado quando determinada pessoa acessa um *site* com conteúdo pornográfico ou quando visualiza vídeos que exibem imagens eróticas ou pornográficas de outras pessoas em tempo real, tanto em *sites* quanto em programas de bate-papo que têm este recurso (como o MSN). Podemos dizer então, que além da utilização do recurso da comunicação escrita, o sexo virtual acontece através da visualização de imagens provocativas também.

Apesar da possibilidade da utilização de tantos recursos, tanto visuais quanto de áudio (pois já é possível hoje estabelecer conversas de voz em tempo real, como se fosse uma ligação telefônica, com o programa Skype), o recurso da escrita ainda prevalece como o preferido nos relacionamentos virtuais. Ben-Ze’ev ressalta que os relacionamentos *online* nada mais são do que versões aprimoradas desta antiga forma de comunicação: a escrita. Mas, enquanto que antigamente, quando se enviava uma carta para alguém, era preciso esperar muito até que este alguém recebesse, abrisse, lesse e respondesse a carta, agora, com a Internet, com o envio de emails e mensagens em chats, tal tempo de espera reduziu ou se tornou praticamente instantâneo.

Uma interessante analogia entre o sexo virtual e o real é feita também por Ben-Ze'ev na seguinte passagem:

“O aspecto mais excitante no *cybersex* pode ser conectado ao desejo não usual de ter relações sexuais em lugares estranhos ou públicos, como parques, banheiros públicos, estacionamentos, no local de trabalho ou em aviões. Tanto o *cybersex* quanto o ‘sexo público’ envolvem tais fatores de risco e imprevisibilidade. Fazer sexo virtual no local de trabalho ou em casa, enquanto seu parceiro está por perto pode ser considerado público num certo sentido e envolve estes fatores apontados que aumentam a excitação sexual”. (Ben-Ze'ev, 2004, p.37, tradução livre).

No final desta passagem já há referência a um outro comportamento cada vez mais freqüente, que será mais detalhado adiante, conhecido como infidelidade *online*.

3.4

A Infidelidade *Online*: Por que, Onde e Como?

“A Infidelidade Emocional é intensa mas invisível, erótica, mas não consumada. Tal delicioso paradoxo a transforma em algo tão perigoso quanto o adultério”
(Teich, 2006)

Um dado de curiosidade que chama a atenção é que ao longo do livro *Love Online* de Ben-Ze'ev há inúmeros exemplos de relatos de pessoas casadas que já tiveram ou que estão tendo um relacionamento na Internet. Desperta a atenção porque o livro não trata especificamente da questão, mas sim das características dos relacionamentos *online*. Tal dado já chama a atenção, pois nota-se o quanto é freqüente a ocorrência de casos de infidelidade *online*.

Alguns autores, como Young *et al* (2000), vêm procurando sistematizar algumas teorias para tentar explicar o sucesso dos relacionamentos virtuais, pois cada vez mais pessoas se engajam neles¹⁵. Neste sentido, Young *et al* (2000)

¹⁵ A respeito da procura de sites de relacionamentos na Internet, Hughes e Hans (2004) destacam uma pesquisa feita em 2002 (Jupiter Research), na qual se chegou ao número de mais de dezesseis

explicam que existem facetas da Internet que facilitam a ocorrência dos relacionamentos virtuais e do sexo virtual. Eles destacam três importantes aspectos na Rede que podem explicar a razão pela qual o espaço virtual cria um clima de permissividade que encoraja as pessoas a terem este tipo de relacionamento. É o chamado “*ACE Model*” que propõe as variáveis *Anonimato*, *Conveniência* e *Escape*, que levam também à infidelidade *online*. Com relação ao *Anonimato*, que já foi citado anteriormente, é entendido que o seu uso possibilita que as pessoas se engajem em conversas eróticas sem tanto receio de serem pegos pelo cônjuge ou parceiro. Em segundo, há a *Conveniência* dos programas interativos, como o MSN e do próprio email, das salas de bate-papo, e de outros sites de discussão, em abrir caminho para se conhecer outras pessoas. É muito fácil o acesso a outras pessoas através da Rede, mesmo se aquele que está à procura de novos relacionamentos já tenha um parceiro *offline*. Por fim, os romances e/ou comportamentos sexuais *online* podem representar uma espécie de válvula de *Escape* do estresse e das demais dificuldades da vida real. Uma mulher casada, por exemplo, que se sinta muito sozinha em casa pode entrar na Internet onde se sentirá desejada por vários parceiros virtuais.

Existem, então, relacionamentos virtuais que são muitas vezes procurados por pessoas que já possuem um relacionamento de compromisso (casamento ou namoro) fora da Internet, no mundo real. Porém, como a Internet é um fenômeno relativamente novo e está em constante expansão, gerando cada vez mais novos comportamentos, sentimentos e relacionamentos, é preciso deixar claro que a própria concepção que temos de infidelidade pode estar se alterando quando a remetemos ao ciberespaço. Mileham (2004a) enfatiza que não existe ainda uma definição oficial válida nem para sexo virtual (*cybersex*) e nem para infidelidade *online*, que ainda é um assunto muito pouco pesquisado na academia. Por conta desta escassez de estudos, as definições que são dadas pelos poucos pesquisadores variam muito de um para o outro, dependendo do objetivo da pesquisa. Para Mileham, porém, a infidelidade *online* é considerada como qualquer tipo de atividade sexual mediada pelo computador, como por exemplo, pornografia na Internet, salas de bate-papo, e etc., engajada por uma pessoa casada. Já Maheu e

milhões de pessoas que já haviam visitado sites de encontro. Existem, atualmente, mais assinantes deste tipo de serviço (pago) de encontros do que qualquer outro tipo de conteúdo na Internet.

Subotnik (2001) colocam que a infidelidade *online* ocorre quando uma pessoa que tem um relacionamento de compromisso usa a Internet violando promessas, juramentos ou acordos referentes à exclusividade sexual dentro da relação com seu (sua) parceiro(a).

E o que levaria as pessoas casadas ou que já tenham um compromisso estabelecido com alguém fora da Rede a procurarem outros relacionamentos dentro da Rede? Mileham relata, em uma entrevista para a *BBC Brasil.com* (2003), que a maioria das pessoas se aventura em salas de bate-papo por causa da monotonia, falta de interesse sexual do parceiro ou por desejo de variedade e diversão. Para a pesquisadora, a maior reclamação dos homens é a falta de sexo no casamento, fato que também os leva a buscar aventuras na Internet, além do que muitos deles dizem que suas esposas estavam muito envolvidas com os filhos, reduzindo seu interesse por sexo.

Alguns dados interessantes sobre infidelidade *online* mostram o quanto as opiniões ainda são muito imprecisas, pois a questão se refere a um comportamento novo. Em uma pesquisa realizada em junho de 2000 com sete milhões de usuários aleatoriamente selecionados, visitantes de um site (MSNBC.com), chegou-se aos seguintes dados: 45% das mulheres acham que sexo virtual é infidelidade, e 40% dos homens têm a mesma opinião. Mas, nesta mesma pesquisa, 60% das pessoas que já tinham feito sexo virtual não o consideram como uma violação dos acordos maritais e não acham que estavam sendo infiéis (Maheu e Subotnik, 2001).

Mileham (2004b) chegou à conclusão – em sua pesquisa em salas de bate-papo com 86 pessoas que estavam buscando relacionamentos virtuais, todas casadas, das quais 76 eram homens e 10 mulheres – de que pelo fato de não haver contato físico nos relacionamentos *online*, estes não são considerados como uma forma de infidelidade. Apenas 17% das pessoas admitiram que estivessem sendo infiéis, porém, de uma maneira menos significativa do que se fosse na vida real, fora da Rede.

Uma razão para tal opinião pode ser o que Merkle e Richardson (2000) explicam em seu artigo: a infidelidade no ciberespaço é considerada mais como

uma traição emocional do que um envolvimento sexual, por conta do tipo de relacionamento que se estabelece neste meio. Isto porque, como já foi colocado anteriormente, a Internet facilita a auto-revelação e a intimidade é atingida mais rapidamente, pois as pessoas têm mais liberdade para se abrir umas às outras, mostrando como são de fato, ou criando novas personalidades. A liberação de fantasias e desejos, por conseguinte, é mais rápida do que na vida *offline*. Então, os relacionamentos virtuais são mais baseados em fantasias, pensamentos e emoções, do que pela proximidade física que há nos relacionamentos face-a-face, característica que também se aplica à infidelidade virtual.

3.4.1

De que forma a infidelidade *online* é sentida pelo parceiro que a descobre?

Por conta da ausência do contato corporal, as pessoas tendem a pensar que não estão sendo infiéis com seus parceiros enquanto teclam com outras pessoas na Internet. Ben-Ze'ev enfatiza tal afirmativa colocando que:

“As pessoas que estão tendo um relacionamento *online* (...) acreditam que estes são reais no sentido psicológico, mas são moralmente irreais. Elas acreditam que apesar destes romances lhe proporcionarem satisfação psicológica real, os seus parceiros *offline* não se sentiriam atingidos a partir de um ponto de vista moral pois tais relacionamentos são meramente imaginários”. (Ben-Ze'ev, 2004, p. 210, tradução livre).

Mas, apesar de ser minimizada por aquele que a pratica, a infidelidade *online* também causa muito sofrimento naquele que a descobre. Maheu e Subotnik (2001) defendem a idéia de que apesar de não haver o contato face-a-face, ou até mesmo uma relação sexual real, a intenção de ter uma conexão secreta e erótica com alguém já define uma infidelidade. A promessa de exclusividade entre os casais é sentida por estes como se fora quebrada, da mesma forma que na infidelidade fora da Internet. Por outro lado, os romances que acontecem na Internet são mais facilmente escondidos do que os reais, pois os parceiros, vizinhos e amigos têm pouquíssimas chances de descobrirem tais relacionamentos. Isto porque não é preciso estar fora de casa para ter um romance

na Rede, de forma que o risco de ser visto em público com outra pessoa que não seu companheiro real, quase não existe.

Apesar, porém, de ser extremamente decepcionante para aquele que descobre que seu parceiro está envolvido com alguém ou com mais de uma pessoa na Internet, também existem aspectos positivos apontados. O fato de uma pessoa poder realizar descobertas e realizar fantasias livremente quando se está se relacionando com alguém na Internet pode ajudar a melhorar o relacionamento fora da Rede também. Isto porque muitas pessoas praticam tais fantasias com seus parceiros, podendo melhorar suas atividades sexuais com eles. A questão é saber de que forma o parceiro reagirá a esta prática, pois ao mesmo tempo que ele pode gostar, também pode se sentir usado ou enciumado, pois saberá que existe outro alguém na vida do outro que não só ele. Para comprovar este aspecto positivo da busca de relacionamentos na Internet, foi feita uma pesquisa na Grã-Bretanha (*BBC Brasil.com*, 2006) com 2,5 mil pessoas, na qual mais de 25% dos britânicos em relações de longa duração, dizem que um pouco de atenção de alguém de fora ajuda a aumentar o desejo pelo parceiro, e 22% não se importa que seu parceiro flerte com outros. Além disso, 17% dos homens dizem gostar de trocar *emails* de flerte e mensagens de texto com outra pessoa que não a esposa ou a namorada. Já entre as mulheres, o percentual cai para 7%.

Para Mileham (2004a), se ambas as partes estão sabendo do que se passa dentro do relacionamento, e estão confortáveis com isso, então, o fato de um dos dois ter um relacionamento *online* não será considerado traição e provavelmente não destruirá a relação. Mas, se não houver este reconhecimento e um acordo entre os dois a respeito dos limites de cada um dentro do relacionamento, a descoberta da infidelidade pode ser muito decepcionante e dolorosa. Dias (2005), a respeito disto, coloca que a presença da Internet só complica, porque a Rede pode despertar dúvida no traído de que poderá ser trocado por uma fantasia, ou por pessoas que estão por detrás de uma tela de computador; porque o temor em relação à Internet aparece lado a lado com o sentimento de que não se pode controlar o que a outra pessoa pensa e sente.

3.4.2

Infidelidade online: Uma realidade freqüente

Uma recente reportagem publicada pela Veja On-Line, intitulada “Trair e teclar, é só começar” é iniciada com a seguinte afirmativa:

“A Internet criou uma nova maneira de ser infiel: começa com mensagens, evolui para confidências, logo entra no reino das fantasias sexuais. Quando menos se espera, o marido ou a mulher já estão teclando sem parar com um desconhecido. Mesmo que nunca se transfira para a vida real, a traição machuca do mesmo jeito” (Pinheiro, 25 de janeiro de 2006).

Na reportagem explica-se que os serviços de bate-papo pelo computador, como o e-mail, o Messenger (MSN) e o Orkut, criaram novos paradigmas de traição e sua contrapartida, o ciúme. Pode-se rapidamente conhecer alguém pela rede, marcar um encontro e trair. Existe também o sexo virtual e, por fim, a maior inovação no campo dos relacionamentos possibilitada pela Internet, a infidelidade *online*. Começa com a troca de mensagens eletrônicas, o envolvimento vai crescendo, estabelece-se um vínculo íntimo. Tem todos os ingredientes de um caso extraconjugal, mas, na maioria das vezes, o contato físico não vai ocorrer.

O acesso ilimitado a contatos com parceiros reais ou virtuais é contrabalançado pela possibilidade de que a parte que se sente enganada parta para a espionagem eletrônica. O marido vasculha o Orkut da mulher, a mulher o do marido, o ex o da ex, a ex o da atual do ex e todo mundo tira suas próprias conclusões. As crises de ciúme são praticamente inevitáveis. Há, no Orkut, mais de 200 comunidades tratando do assunto, como por exemplo, "Minha namorada vigia meu Orkut" com uns 25.000 participantes e uma outra com o nome "Peruas no Orkut do meu marido" (Pinheiro, 2006). As pessoas são levadas, por ciúmes e desconfiança, a ficarem observando o comportamento dos parceiros na Orkut, e acabam descobrindo a infidelidade, através de registros de conversas do parceiro com homens ou mulheres.

Além destas há as comunidades que foram criadas para espalhar ex-parceiros que já traíram, com o intuito de alertar outras pessoas para que não se envolvam com eles. Em uma reportagem da Revista O Globo, Branco (2006)

explica que a partir da idéia de um site americano chamado “DontDateHimGirl.com”¹⁶, usuários e usuárias brasileiros criaram comunidades no Orkut com o mesmo intuito de divulgar nomes e dados pessoais de ex-parceiros que já os traíram. Existem comunidades como “Homem que mente fica sem dente”, “Minha Ex é uma Vaca”, “Bem que minha mãe avisou”, “Descobri pelo Orkut”, dentre outras, nas quais os usuários trocam informações a respeito de descobertas de traições principalmente pelo Orkut, e falam também de suas inseguranças com relação aos seus parceiros, que são proporcionadas pela possibilidade de vigilância constante pelo Orkut.

Já há registros de casos de infidelidade *online* na mídia, envolvendo pessoas famosas. Em recente reportagem da Folha On Line de 25 de agosto de 2006, está registrada a demissão de um dos diretores de um programa humorístico da Rede Globo. Isto aconteceu após o recebimento, por vários funcionários da empresa, dos emails que foram trocados por ele, por cerca de três meses, com uma candidata a atriz do programa, período durante o qual os dois supostamente tiveram um caso. As mensagens eram de conteúdo pornográfico, inclusive contendo fotos de masturbação. Ainda de acordo com a correspondência, os dois mantiveram encontros, sempre no período da manhã em motéis que eram "secretos", segundo a atriz, porque o diretor é casado. Passado um tempo, porém, a questão foi clarificada, sendo que as últimas notícias informaram que o caso entre o diretor e a candidata atriz foi mantido somente *online*. Inclusive, as fotos que foram enviadas pela suposta candidata para o diretor, eram falsas, pois eram, na verdade, de um travesti. Supõe-se que ele fora vítima de uma farsa, e ainda, que a suposta atriz o acusou de ter cometido assédio sexual contra ela.

De volta ao Orkut, onde tudo é tornado público, como a infidelidade virtual ocorre e, quando descoberta, como se sente o traído? Quem comete a

¹⁶ O endereço eletrônico do site é <<http://www.dontdatehimgirl.com/>> e foi criado no fim do ano passado e já conta com mais de cinco mil usuárias cadastradas, contém uma lista de nomes de cerca de 1500 homens, com detalhes de seu passado infiel. É só clicar em “*find a cheater*” para achar um homem suspeito. Em julho de 2007, foi noticiado que o *site* havia sido processado por um homem que estava sendo exposto como traidor, que disse ter sido difamado e que as pessoas responsáveis pelo próprio *site* deveriam verificar de antemão a veracidade dos fatos antes da publicação das queixas das mulheres a respeito dos supostos traidores (este homem que processou o *site* disse que lá estão publicadas alegações de infidelidade sobre ele, de duas mulheres, mas que na verdade, quem havia sido traído de fato, não foram elas, mas sim ele (Webb, 2006). No anexo 2 o leitor pode visualizar a página inicial do site “DontDateHimGirl.com”.

infidelidade sente que realmente foi infiel ao (a) seu (sua) parceiro (a)? Estas são algumas das perguntas que pretendo investigar na pesquisa de campo deste trabalho.

4 A Pesquisa de Campo

No presente capítulo, apresentarei os resultados obtidos a partir da pesquisa qualitativa que foi realizada, primeiramente, com dez usuários da comunidade virtual Orkut. Tais sujeitos participaram de entrevistas semi-estruturadas que transcorreram através do programa de bate-papo MSN. Além destas entrevistas, foi realizada uma análise, igualmente qualitativa, de alguns depoimentos deixados por alguns usuários do site Orkut, na comunidade “Eu descobri pelo Orkut”. Antes da apresentação dos resultados, porém, descreverei a seguir os objetivos da pesquisa e a metodologia que foi utilizada.

4.1 Objetivo

O Orkut é uma comunidade virtual criada no início de 2004 e desde o dia do seu lançamento, o número de pessoas que se cadastram no sistema continua a crescer espantosamente. O curioso é que o *site* fez mais sucesso no Brasil do que no exterior. Então, algumas questões são levantadas diante deste sucesso, tais como: Por quais motivos as pessoas se cadastram no Orkut? Quais são os tipos de relacionamentos que são estabelecidos por estas pessoas no Orkut?

Além disto, vimos que o Orkut gerou um novo comportamento a partir da possibilidade que todos têm de poder entrar na página pessoal de todos, sem restrição alguma. Todos os usuários podem bisbilhotar as páginas de quem eles quiserem. Desta forma podem ter acesso não só as fotos, como também ao *profile* (uma espécie de formulário que é preenchido no ato do cadastramento no *site* que contém as características pessoais detalhadas) e ao *scrapbook* (é a página de recados que são deixados por outras pessoas na página de outras pessoas, para serem lidos e respondidos depois, pois se trata de uma comunicação assíncrona, como já foi explicado no capítulo anterior). Tendo esta possibilidade em mãos, surgem novos questionamentos no campo dos relacionamentos: Como se sentiria uma pessoa que descobrisse recados na página de alguém que estivessem

deflagrando uma possível traição (ou infidelidade)? Existiriam diferenças entre a traição (ou infidelidade) que ocorre no mundo real e a que acontece no mundo virtual?

Diante destes questionamentos, foi possível delimitar melhor o objetivo da pesquisa deste trabalho: Quais são os principais sentimentos e opiniões dos usuários do Orkut a respeito da infidelidade *online*?

4.2 Metodologia

Tendo sido delimitado o objetivo da pesquisa de campo, passarei agora para a descrição dos procedimentos metodológicos utilizados para a realização da mesma. De que maneira os sujeitos da pesquisa foram recrutados? Quais foram as dificuldades encontradas neste processo? Em seguida será apresentado o instrumento de coleta de dados e a técnica utilizada para a análise dos dados.

4.2.1 Os Sujeitos da Pesquisa – A Busca

Pesquisando as comunidades existentes no Orkut que tivessem como tema a questão da traição, logo percebi que existia uma grande quantidade delas: em torno de 300. O curioso é que quando se pesquisam comunidades com a palavra infidelidade, o número cai para 19. Então, escolhi três comunidades que possuíam uma grande quantidade de membros: “Eu descobri pelo Orkut”, “Traição pra mim é o fim” e “Homem que trai o pipi cai”¹⁷. Acreditei que os membros de tais comunidades, pelo simples fato de fazerem parte delas, teriam muito a dizer a respeito da traição ou da infidelidade sejam elas *online* ou não. Isto porque as comunidades do Orkut funcionam como um dado de identificação das pessoas, pois através delas, revelam o que pensam, do que gostam, o que fazem, etc., e na página inicial de cada um, ao lado do *profile* de cada membro, estão as comunidades das quais fazem parte, para qualquer um ver e conhecer.

¹⁷ No Anexo 1 estão ilustradas as páginas iniciais destas comunidades do Orkut.

A princípio deixei uma mensagem nos tópicos de cada comunidade, pois desta forma todos os membros poderiam vê-la e respondê-la caso desejassem. A mensagem inicial está descrita abaixo:

“Alguém se interessa em participar de uma pesquisa? (Título escolhido para o meu tópico de discussão)

Olá! Meu nome é Maria Engel de Oliveira, sou psicóloga, e estou cursando o curso de Mestrado na PUC. A minha pesquisa é voltada para a investigação da Infidelidade Online. Gostaria de saber se alguns de vocês se interessariam em responder algumas perguntas para a minha pesquisa! Obrigada! aguardo seu contato. Pode mandar uma mensagem pro meu Orkut dizendo q quer participar! E a entrevista será feita via MSN mesmo, ok? (Desde já saiba que seus dados pessoais não serão divulgados no meu trabalho)”.

Porém, não obtive respostas em alguns dias e resolvi recrutar os sujeitos de uma outra forma. Passei a deixar uma mensagem praticamente igual a esta diretamente para alguns membros escolhidos das comunidades. Assim, mandei esta mensagem para trinta membros da comunidade “Eu descobri pelo Orkut”, para outros trinta membros da comunidade “Traição para mim é o fim”, por fim, para outros trinta membros da comunidade “Homem que trai o pipi cai”. Mas a mensagem sofreu algumas alterações para que ficasse em tom mais particular, pois neste momento achei que um maior número de pessoas se prontificaria a participar da pesquisa se eu passasse a convidá-las individualmente, uma por uma (desta forma, deixei a mensagem a seguir no *scrapbook* específico de alguns membros das comunidades relacionadas):

“Olá! Estou cursando Mestrado na PUC e a minha pesquisa é voltada para a investigação da Infidelidade Online. Como você é membro de uma comunidade voltada para este tema no Orkut, gostaria de saber se você se interessa em responder algumas perguntas rápidas para a minha pesquisa! Obrigada! aguardo seu contato. Meu email é mariaengel@gmail.com , igual ao login do meu MSN. Caso você se interesse em participar, mande sua resposta e a entrevista será feita via MSN mesmo, ok? (Desde já saiba que seus dados pessoais não serão divulgados no meu trabalho)”.

Julgo importante salientar que uma importante mudança feita na mensagem do convite para as entrevistas fez com que as pessoas o aceitassem mais rapidamente: a informação de que eu era psicóloga foi retirada quando eu já havia enviado em torno de quarenta convites. Até então, poucas pessoas aceitaram participar e no momento em que eu retirei tal informação da mensagem, um

número significativo de pessoas responderam à mensagem prontamente. Talvez as pessoas que receberam o convite tenham ficado com receio de participar de uma entrevista conduzida por uma psicóloga, pois seriam “interpretados” ou compreendidos erroneamente e com preconceito. Isto porque é sabido que quando o acesso à Internet foi disseminado para uso doméstico, a mídia espalhou uma visão, aceita na época pela comunidade acadêmica, de que as pessoas estariam se tornando viciadas na Internet, por permanecerem muito tempo conectadas à Rede. Tal visão era apoiada por um grupo de psicólogos, também pesquisadores, americanos¹⁸.

E qual foi o perfil dos sujeitos da pesquisa? O único critério que foi delimitado para o recrutamento deles foi que fizessem parte de alguma comunidade voltada para o tema da traição (as comunidades escolhidas, por conta da presença de um grande número delas no Orkut, foram as três já citadas anteriormente). Um outro ponto importante a respeito do perfil dos sujeitos a ser colocado é que para fazer parte do Orkut é preciso ter mais de dezoito anos¹⁹. Então, quanto ao critério idade, a ser delimitado, não tive a preocupação em fechar uma faixa etária, pois qualquer pessoa que aceitasse participar deveria ter, no mínimo dezoito anos. E em tal idade as pessoas já são capazes de responder criticamente às perguntas que lhe fossem colocadas.

Outra questão curiosa que foi encontrada por mim, nesta fase de recrutamento dos sujeitos, é que nem todas as pessoas que estão no Orkut revelam sua idade e seu estado civil ou tipo de relacionamento em que está engajado no momento (se está namorando, solteiro, casado, etc.). Logo, não pude fechar um critério para o recrutamento com relação ao estado civil, pois eu poderia ter escolhido entrevistar somente sujeitos que estivessem casados. Além desta limitação de informações reveladas por algumas pessoas no Orkut, acreditei que qualquer pessoa, independentemente do seu estado civil, poderia responder às

¹⁸ Para maiores informações a respeito do discurso do vício à Internet que fora disseminado pela mídia ver Nicolaci-da-Costa (2002).

¹⁹ Os dados demográficos acerca das características de seus usuários revelam que 61,11% têm entre 18 e 25 anos; 39,03% são solteiros e 60,28% são brasileiros (dados disponíveis em <http://www.orkut.com/MembersAll.aspx>). Tais resultados foram alcançados a partir de uma pesquisa realizada pelos próprios criadores do Orkut. É importante salientar que apesar de existir uma considerável quantidade de pessoas que não revela seu estado civil no Orkut, uma boa parcela o faz, e foi a partir destes dados, que foram divulgados por esta outra parcela, que se chegou a esses percentuais.

perguntas da entrevista, que, como será exposto mais a seguir, foram elaboradas com o intuito de fazer com que a entrevista transcorresse em tom livre e aberto.

Um outro ponto curioso a ser explicitado a respeito desta fase da pesquisa é que as mulheres aceitaram participar das entrevistas em um número muito maior do que o dos homens: num universo de dez sujeitos, apenas quatro eram homens. Dois homens que foram convidados a participar revelaram mais relutância que os demais: um deles chegou a pedir que eu enviasse via *email* as perguntas pois ele preferia responder desta forma ao invés de ser entrevistado via MSN. E no final das contas ele nem sequer participou, pois mandou um último *email* dizendo que estava muito ocupado no momento para respondê-las. O outro homem, este mais velho e casado, adiou diversas vezes a data e a hora da entrevista, dizendo que estava trabalhando até tarde, e acabou ficando sem tempo para participar.

4.2.2 A Preservação do Anonimato dos Sujeitos

Com o intuito de preservar a identidade dos sujeitos que participaram das entrevistas, utilizei um recurso para não revelar seus nomes verdadeiros: troquei seus nomes reais por nomes fictícios. Tal recurso possibilita que o leitor não tome conhecimento de suas identidades, tendo acesso somente à idade, sexo e ocupação dos sujeitos, dados estes que foram perguntados unicamente como meio de identificação dos sujeitos na pesquisa. É importante colocar que o Orkut, diferentemente de outros *sites* ou programas de bate-papo utilizados na Internet, possibilita a revelação do nome e de alguns dados pessoais das pessoas que ali estão, assim como de algumas fotos das mesmas. Fica a critério de cada um o que será revelado ou não. É sabido também que existem usuários do Orkut que não revelam seus nomes e dados pessoais, preferindo exibir *nicks* ou apelidos que preservem suas identidades, recurso que os mantêm no completo anonimato na Rede. Porém, tal condição não foi objeto de pesquisa no presente trabalho. Todos os sujeitos que foram recrutados para a pesquisa tinham, em suas páginas no Orkut, seus nomes, fotos e alguns dados pessoais em exibição. Por conta disto, foi necessário, a fim de que o leitor não tomasse conhecimento de quem são de fato, trocar seus nomes por outros fictícios.

4.3

O Estudo Piloto e o Instrumento de Coleta de Dados

Antes da realização das entrevistas definitivas, desenvolvi um roteiro piloto com os principais itens a serem investigados. Com o intuito de testar o roteiro, ou seja, checar se o mesmo possibilitava que a entrevista transcorresse bem, realizei duas entrevistas-piloto através do programa de bate-papo MSN (os dias e horários das entrevistas seriam escolhidos pelos sujeitos de acordo com sua disponibilidade). Estas duas entrevistas me ajudaram a delimitar melhor os itens do roteiro e para testar a compreensão dos sujeitos acerca das questões a serem respondidas nas entrevistas. Um dado de curiosidade acerca destas duas entrevistas-piloto é que as duas pessoas que aceitaram participar eram do sexo feminino e tinham abaixo de dezoito anos (uma tinha quatorze e a outra, dezesseis). Ou seja, as duas simularam suas idades para poderem entrar no Orkut, cuja requisição é que os membros tenham idade acima de dezoito anos. Porém, esta exigência da maioridade para se entrar no Orkut não é real. Assim como há pessoas que se cadastram com um *nick*, ou nome fictício para permanecerem no anonimato, há outras que simulam suas idades. Acredito que isto aconteça não só pelo fato do programa não aceitar pessoas que tenham menos de dezoito anos, mas também por conta de que alguns participantes do Orkut podem muito bem assumir ali outras personalidades que não as suas reais. Pode-se dizer que na Internet tudo pode se configurar como sendo fictício, pois existe a possibilidade de brincar com outras facetas que não as da própria personalidade. Ou seja, um homem pode se cadastrar no Orkut e conhecer outras pessoas, como sendo uma mulher, e vice-versa. E é claro que não foi no Orkut onde isto aconteceu pela primeira vez. Nos antigos programas de bate-papo, como o IRC por exemplo, tal “mudança” de gênero, de idade, dentre outras facetas, já era experimentada pelas pessoas que usavam o programa.

No caso das duas meninas que participaram das entrevistas-piloto, apesar das suas idades serem abaixo dos dezoito anos, as suas respostas serviram para que eu me desse conta ainda mais das possibilidades que a Internet oferece para as pessoas brincarem e se relacionarem de múltiplas formas entre si. Após estas duas entrevistas-piloto, então, pude fechar o instrumento definitivo de coleta de dados,

o roteiro, que contém uma parte inicial de identificação do sujeito e uma segunda, com os itens a serem investigados no transcorrer da entrevista:

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS:

1ª Parte – Dados de Identificação: Sexo, Idade, Ocupação e Tempo de permanência no Orkut.

2ª Parte – Itens Investigados:

Por que entrou no Orkut

Relacionamentos no Orkut

Por que entrou para a comunidade X (com o tema “traição”)

O que é traição / infidelidade

Na Internet – como vê a traição / infidelidade

Conhece alguém que tenha traído / que tenha sido traído na Internet (Orkut) / ou fora dela / Pedir detalhes e desdobramentos do fato

Caso acontecesse com você, o que faria (com relação à descoberta da traição)

Diferenças entre infidelidade no mundo real / virtual (*online*)

Tendo em mãos um roteiro com itens ao invés de perguntas fechadas, foi possível fazer com que as perguntas fossem sendo elaboradas no decorrer da entrevista, cujo tom fica parecido com uma conversa informal. Tal recurso possibilita uma maior interação entre o entrevistado e a entrevistadora. Além disto, como não há uma ordem pré-determinada de perguntas a ser seguida, é possível voltar a algum item de acordo com as respostas dadas pelo entrevistado, que pode responder automaticamente a algum item que ainda não tenha sido perguntado. Este tipo de roteiro dá maior liberdade para o entrevistado se expressar da forma como desejar. O cuidado a ser tomado neste tipo de entrevista é que todos os itens devem ser respondidos por todos os sujeitos, ou seja, é preciso ficar atento para que não se esqueça de algum item.

4.4 As entrevistas *online* X presenciais

Como vimos no capítulo anterior, com o advento da Internet, surgiram outras formas para as pessoas se relacionarem entre si. Os programas de bate-papo, tais como o IRC, o ICQ e atualmente o MSN, abriram as portas para os relacionamentos *online*. Em tempo real, ou de maneira síncrona, as pessoas podem se conhecer e estabelecer novos relacionamentos com quem desejarem, na Internet.

Assim como tais programas de bate-papo introduziram novas maneiras de se relacionar na Rede, eles também possibilitam uma nova forma de se realizar entrevistas. É claro que as entrevistas *online* não substituíram as presenciais, mas estão revelando características que lhe são peculiares, diferentes das presenciais.

Para a realização de todas as entrevistas desta pesquisa de campo utilizei o programa MSN, pois é o mais utilizado atualmente. Nele, é possível utilizar o recurso da *web cam*, mas para este trabalho não foi necessário. A linguagem utilizada foi a escrita e não a oral. Devido a este fato, perde-se a visualização dos gestos e reações do entrevistado, o que é possível na entrevista presencial. Porém, como também já foi visto, na comunicação via Internet utilizam-se muito os *emoticons*, que são símbolos que refletem as expressões faciais. Enquanto que na entrevista presencial é preciso a utilização do gravador e fazer a posterior transcrição das entrevistas, na entrevista *online* tais recursos são deixados de lado, pois é possível visualizar todo o conteúdo da entrevista que fica gravado dentro do registro do programa de bate-papo. Outra característica das entrevistas *online* é que estão sujeitas a algumas interferências, como por exemplo, falha de conexão à Rede (o que era muito comum quando a conexão era a discada), fato que interrompe a entrevista. O entrevistado também pode estar ocupado com outras tarefas enquanto responde às perguntas, dentre elas, checando seus *emails*, entrando em vários *sites* ou até mesmo conversando com outras pessoas ao mesmo tempo, o que pode retardar as suas respostas à entrevistadora. Desta maneira, é preciso um maior esforço de concentração por parte do entrevistador e do entrevistado para a realização da entrevista *online*.

Outro ponto importante a ser colocado diz respeito à linguagem utilizada nas conversas *online*. Ao contrário da linguagem formal, utiliza-se muito na

Internet uma forma de comunicação mais sucinta e breve, com o uso de abreviações e neologismos. Isto faz com que as conversas transcorram tão rapidamente e naturalmente quanto os bate-papos que temos fora da Rede. Alguns exemplos das abreviações mais conhecidas: vc (no lugar de você), tb (no lugar de também), pq (no lugar de porquê) e assim por diante. Desta forma, é preciso que o entrevistador esteja familiarizado com a linguagem utilizada na Internet para que as entrevistas possam se desenvolver, senão não será possível compreender o que o entrevistado está querendo dizer. Além disso, podem ocorrer erros de digitação enquanto um bate-papo *online* acontece, por conta da rapidez com que se tecla em programas como o MSN, pois é comum uma pessoa estar conversando com mais de um contato ao mesmo tempo. Por este motivo o leitor poderá encontrar alguns erros de digitação na transcrição dos trechos das entrevistas, por conta desta rapidez peculiar à conversa *online*.

4.5 A Análise dos Dados

Todas as entrevistas foram submetidas à técnica de Análise de Discurso que foi desenvolvida por Nicolaci-da-Costa (1989, 1989a, 1994). Mais atualmente (2004) tal técnica foi renomeada de Método de Explicitação do Discurso Subjacente. É uma análise qualitativa feita em duas etapas: a análise inter-sujeitos e a análise intra-sujeitos.

Na primeira etapa, a análise inter-sujeitos, todas as respostas de todos os sujeitos a cada um dos itens do roteiro são agrupadas. Tal procedimento propicia uma visão panorâmica dos depoimentos gerados por cada um dos itens, ou seja, revela as tendências centrais das respostas dadas pelo grupo de sujeitos como um todo. Mas é uma fase inconclusiva, pois aponta apenas para os resultados parciais.

Já a segunda etapa, na análise intra-sujeitos, tomam-se as respostas de cada um dos sujeitos como um único conjunto, dentro do qual são analisados os possíveis conflitos de opiniões, inconsistências entre respostas, sentimentos contraditórios, dentre outras questões. Com os resultados desta segunda etapa, volta-se à primeira para a re-análise das respostas dadas por todos os sujeitos a cada um dos itens. Pode-se realizar um vai-e-vem, que possibilita a emergência de

pormenores, conflitos e “porquês” que não seriam detectados sem esta técnica minuciosa de análise de entrevistas.

Tendo explicado os procedimentos metodológicos da pesquisa de campo, apresentarei agora os resultados encontrados.

5

A Apresentação dos Resultados da Pesquisa de Campo

5.1

O Perfil dos Sujeitos Entrevistados

Como já foi colocado, foram realizadas entrevistas com dez membros de três comunidades do Orkut, a “Traição pra mim é o fim” (da qual dois sujeitos faziam parte, Marcos de 21 anos e Renato de 20), a “Eu descobri pelo Orkut” (Felipe, 23 anos fazia parte desta) e “Homem que trai o pipi cai” (da qual todas as seis mulheres entrevistadas eram membros). Somente um entrevistado (Cláudio, 26 anos) pertencia a uma outra comunidade chamada “Tô cansado de ser enganado”, pois foi o único sujeito indicado por uma pessoa do meu ciclo de amizades a participar da pesquisa. A faixa etária dos sujeitos foi de 18 a 26 anos. A seguir, um quadro com os nomes fictícios e dados de identificação dos entrevistados:

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO	TEMPO NO ORKUT
Cláudio	26 anos	Engenheiro Químico	1 ano e meio
Renato	20 anos	Estudante de Direito	3 anos
Marcos	21 anos	Comerciante	2 anos e meio
Felipe	23 anos	Estagiário	2 anos e meio
Ana	22 anos	Técnica em Enfermagem	2 meses
Renata	20 anos	Estudante de Ciências Sociais	3 anos
Vera	18 anos	Auxiliar de Administração	Quase 3 anos
Cristina	26 anos	Professora	1 ano
Rebeca	23 anos	Estudante de Psicologia	2 anos e meio
Luisa	21 anos	Estudante de Enfermagem	1 ano

5.2 Razões Para Estarem no Orkut

Praticamente todos os sujeitos relataram que entraram no Orkut pois achavam interessante poder encontrar amigos antigos, que não viam há muito tempo. Além disso, disseram que o fato de o *site* ser uma novidade na época em que foram convidados também os impulsionaram a se cadastrarem. Por exemplo, Rebeca em seu relato diz o seguinte:

“[e por que vc ta no orkut?] bem, no começo foi meio pq todo mundo estava falando a respeito...e falavam das comunidades e como eles reencontraram antigos amigos...e atualmente acho q pra manter contato com as pessoas, muitas pessoas, e participo de algumas comunidades também sobre assunto que eu gosto...da pra trocar bastante informação”. (Rebeca, 23 anos, estudante de psicologia e está no Orkut há 2 anos e meio)

Já com relação aos tipos de relacionamentos que estabelecem no Orkut, os entrevistados, na sua maioria, disseram que são de amizade e que as pessoas que estão nas suas listas de contatos são, na sua maioria, conhecidas fora da Internet (além de amigos, namorados (as), ex-namorados (as), ficantes). Ademais, alguns relataram que o Orkut também funciona para paquerar e flertar, porém com a ressalva de que tais flertes só são “permitidos” se houver um consentimento prévio por parte da pessoa:

“[quer dizer q vc pode vir a conhecer alguém pelo orkut, ou ja aconteceu?] pelo orkut naum mas pela internet sim. mas então... eu não tenho costume de adicionar as pessoas nas minhas relações virtuais a toa sem conversar antes nem em msn ou orkut” (Renata, 20 anos, estudante de ciências sociais e está no Orkut há 3 anos).

“[hummm, legal, e, que tipos de relacionamentos vc estabelece no orkut hj?] paquera...(na verdade o uso do orkut é mais para isso que para qualquer outra coisa) conversar com amigos **[é mesmo?? e como vc faz pra paquerar no orkut?? pq sao pessoas desconhecidas pra vc, né??]** algumas sim, mas outras que são a grande maioria são da cidade de onde sou natural... **[ah, tá... vc é do Sul, né? Aí, vc busca pessoas próximas da onde vc mora, pelo profile (pagina inicial da pessoa no Orkut?)]** não...essa pessoas quem eu paquero no orkut são pessoas que eu conheço... sim eu sou do sul”. (Felipe, 23 anos, estagiário e está no Orkut há dois anos e meio).

“**[quer dizer, entao, q vc ja flertou com alguem no orkut?]** bom a gente percebe qdo alguem está tentando se aproximar, com uma mensagem mais carinhosa por exemplo, ou alguma "indireta" ou quando digamos se já existe um relacionamento eu costumo mandar mensagens mais carinhosas, com muitos beijos e abraços, algo do gênero **[certo... e essas pessoas que tentam essa aproximacao maior ja sao seus conhecidos fora da Internet?]** olha a maioria não, digamos que 10% são conhecidos o restante são pessoas que nem conheço e já tentam alguma coisa, dizendo ah você é linda, você é isso ou aquilo, ou falar gatinha gata etc, os conhecidos são mais sutis digamos ou tbm as vezes esses apelidos são mais bem aceitos quando mandados por conhecidos do que por desconhecidos, por desconhecidos eu acho um absurdo **[apelidos, como assim?]** gata, gatinha... **[uhumm, e pq vc acha um absurdo quando sao mandados por desconhecidos?]** porque não existe intimidade para isso, é que nem você ouvir 'gostosa' andando sossegada na rua, acho bem desagradável”. (Luisa, 21 anos, estudante de Enfermagem e está no Orkut há um ano).

Para alguns sujeitos o Orkut tem a vantagem (ou desvantagem) de permitir uma visualização constante das informações (fotos, mensagens, etc.) de outras pessoas, através do livre acesso que todos têm às páginas de todos:

“**[o q vc achou interessante no orkut?]** mas na realidade as vezes nao acho muita graça **[pq?]** acho que è por ciumes do meu namorado sempre vejo ele olhando fotos e fotos entao as vezes desanimo **[ele olha fotos e fotos, de quem, quem sao essas pessoas?]** nao sei bem algumas dizem ser amigas **[amigas dele, q ele tem no orkut dele?]** Sim e tambem ex-namoradas **[sei... entao, quem fica com ciumes é vc? e o que provoca mais os seus ciumes?]** talvez o medo de eu nao o satisfazer a ponto de ele ter que ficar olhando outras mulheres, acho uma falta de respeito” (Ana, 22 anos, técnica em Enfermagem e está no Orkut há 2 meses).

“**[é mesmo... e por que vc ta no orkut?]** ah, e o motivo muito importante tb, pra fuçar a vida dos outros...q faço muito **[ehehehhe... é mesmo?vc fuça mais a vida de que pessoas?]** bom, amigos em geral...paqueras...ex namorados...ex qq coisas... mulheres de ex namorados e ex qq coisa.... eh engraçado isso, acho até bem infantil...mas nao olho muito..observo, comento....falo mal..acho q o orkut tah aih pra isso...entao nao tenho grandes pudores em ficar olhando...” (Rebeca, 23 anos, estudante de psicologia e está no Orkut há 2 anos e meio).

5.3

Por que fazer parte de uma comunidade cujo tema é a traição?

O item do roteiro que buscava aprofundar a razão pela qual os sujeitos entraram para as comunidades relacionadas ao tema da traição gerou respostas interessantes por parte de todos eles. Grande parte disse que a traição é algo inaceitável e que corrompe o pacto de compromisso com o parceiro amoroso. A maioria coloca que estar “sério” com alguém é sinônimo de exclusividade, ou seja, o fato do parceiro trair com uma terceira pessoa, fere com este compromisso. Ou seja, neste item os sujeitos colocaram a principal razão de entrar para as comunidades do Orkut, que é mostrar para os outros o que pensam, sentem, enfim, através das comunidades podem mostrar quem realmente são. Os seguintes trechos exemplificam esta análise:

“[e pq vc quis entrar pra comunidade sobre traição?] bom é pq acho o fim da picada traição admito tudo menos isso, se quer curtir e experimentar digamos outras, que fique sozinho. para que ter um relacionamento e fazer isso? a pessoa que trai ã sofre tanto como a que traiu. **[pq vc acha isso?]** pq sim quando estamos com alguém namorando ou noiva ou casada é para ter uma vida a dois digamos se ã ker isso que só fique então”. (Vera, 18 anos, auxiliar de administração e está no Orkut há quase 3 anos).

“[E me diz uma coisa, pq vc quis entrar pra comunidade homem que trai o pipi cai?] heheuah porque traição pra mim é totalmente inaceitável, antes terminar o relacionamento e partir para outro relacionamento do que trair”. (Renata, 20 anos, estudante de ciências sociais e está no Orkut há 3 anos).

Rebeca e Renata destacaram a questão da comunidade funcionar como alerta para os outros:

“[certo.. e me diz uma coisa, pq vc quis entrar pra comunidade "homem que trai o pipi cai""] ahh primeiro pq eu achei o nome uma graça...e, como toda mulher sou contrária a traição masculina, embora reconheça q é quase impossível de conte-la ...ja tive uma experiencia com isso...nd agradável...e coloquei a comunidade como uma forma de brincar com o assunto.... é daquelas comunidades que ficam ali pra falar u pouco da gente...tipo se algum cara entrar ele vai saber q se me trair corre o risco de ficar sem o pipi hahaha” (Rebeca, 23 anos, estudante de psicologia e está no Orkut há 2 anos e meio).

“[certo... e pq vc quis entrar pra comunidade homem q trai o pípi cai?] primeiro, pq olha o nome ahuhauuhauhahuahauh é engraçado e segundo, pq

naum deixa d ser um alerta pros caras com quem eu possa vir a me relacionar” (Renata, 20 anos, estudante de ciências sociais e está no Orkut há 3 anos).

5.4

E o que é traição de fato e o que significa infidelidade?

Com relação às definições dadas pelos os sujeitos para traição e infidelidade, houve uma divisão muito grande de opinião com relação à prática da traição, que ora era relacionada à infidelidade, ora à traição em si. Outra categoria levantada foi a mentira e a falta de respeito, que para alguns representava traição, para outros, infidelidade. Surgiu também a categoria quebra de confiança (mais relacionada à traição). Alguns disseram que a infidelidade faz parte da traição. Neste item houve muitas respostas divergentes, porém parecidas. Por exemplo, Cláudio responde da seguinte forma:

“**[o que é traição pra vc, então?]** traição é vc acabar com a confiança que uma pessoa coloca em vc, mentir, enganar **[e infidelidade, o q seria?]** é colocar em prática essa traição, estão ligados os dois”. (Cláudio, 26 anos, engenheiro químico e está no Orkut há um ano e meio).

Já Luisa responde de uma forma completamente diferente:

“**[e pra vc, que é traição?]** é quando a pessoa que está em um relacionamento com você se envolve com outra, seja beijo ou sexo **[entendi E infidelidade,o q seria?]** hummm... acho que é quando a pessoa começa a mentir creio que é isso e acho q a traição entra na infidelidade **[ta ok... e de q forma vc acha q isso acontece?]** humm... a pessoa ao trair deixa de ser fiel a você”. (Luisa, 21 anos, estudante de Enfermagem e está no Orkut há 1 ano).

Um outro tipo de traição que foi apontada por alguns sujeitos foi a “traição por pensamento”, que se aplicaria àquela que acontece na Internet:

“para mim a infidelidade virtual não existe, mas sim uma traição de pensamento, uma vontade de ter algo com uma pessoa que vc não ama.” (Felipe, 23 anos, estagiário e está no Orkut há 2 anos e meio).

“**[sei... vc acha q seu namorado, pelo fato de ficar olhando fotos de outras mulheres no orkut, esta te traindo?]** existe traição por pensamentos? nao? eu acho que se há pecado por pensamento pode ser que sim mas passei a pensar

assim depois que vi alguns recados das ex”. (Ana, 22 anos, técnica em enfermagem e está no Orkut há 2 meses).

5.5

E na Internet, como ficam a traição e a infidelidade?

A maioria dos sujeitos relatou que se uma pessoa já tem um compromisso sério com outra no mundo real e começa a trocar mensagens mais ardentes, carinhosas ou “ilícitas” pelo Orkut, estes fatos já seriam considerados como formas de traição pela Internet, assim como a visualização de fotos de outros homens e mulheres:

[e de q forma essa procura por alguém acontece na net, na sua opinião] vendo 'rostos bonitos ou até corpo bom homens procura isso e mulheres procura isso\$\$ ã digo todas mas muitas. sempre começam com indiretas e ai vai... dizem ate que amam.. ke kerem beijar fazer sexo.. bom sabe ã julgo alguém de ter desejo por outra pessoa mas que guarde pra si.. se tem alguém tem ke respeitar isso”. (Vera, 18 anos, auxiliar de administração e está no Orkut há quase 3 anos).

“[e na Internet? O q vc pensa da infidelidade e da traicao?] hum... bom aí depende da situação, se digamos meu namorado manda msg muito carinhosa para outra mulher eu tento ficar atenta pra ver até onde isso chega, e as vezes já pergunto quem é a fulana ou ciclana, isso gera bastante ciúmes... o pior é quando você sabe que é alguém conhecido dele e sempre é muito ruim, se eu descobrisse que através dessas mensagens existisse algum sentimento a mais eu já iria imediatamente conversar e esclarecer a situação, e caso a resposta não fosse suficientemente coerente eu iria discutir e seilá talvez até terminar **[mensagem q vc diz q ele manda, é pelo orkut dele mesmo q vc vê?]** eu olho as mensagens que chegam no orkut dele, se tem alguma coisa suspeita eu vou pra página do orkut da menina vou "xeretar"”. (Luisa, 21 anos, estudante de Enfermagem e está no Orkut há 1 ano).

Renata e Felipe disseram que a Internet seria um grande facilitador para a traição:

“eu parto do princípio q a internet para os relacionamentos é uma grande tentação e quando vc está bem com uma pessoa, não tem pq 'caçar' nos bate-papos ou se mostrar disponível para ser achado acho q se há infidelidade, mesmo q virtual é uma questão de q num tem alguma coisa boa na relação”. (Renata, 20 anos, estudante de ciências sociais e está no Orkut há 3 anos).

“**[e como é a traicao pela internet?]** eu acho que o simples fato de vc querer estar com alguém que não seja a pessoa que vc tem ao seu lado , jah é uma traição, vc pensar em querer estar com outro jah é uma forma e a internet te ajuda a pensar mais na outras pessoa pq ela esta ai na tua frente todos os dias é vc da u clique e ve fotos, onde foi, o que fez”. (Felipe, 23 anos, estagiário e está no Orkut há 2 anos e meio).

5.6 Conhecimento dos Sujeitos a respeito de Casos de Traição

Quando questionados a respeito de casos de conhecidos que já tivessem passado por uma situação de traição, um fato muito curioso surgiu na pesquisa: a maioria das mulheres além de relatar casos, revelou que elas mesmas já tinham passado por uma situação de descoberta de traição (real ou virtual) por parte do parceiro amoroso. Já entre os homens, apenas um disse que já tinha acontecido com ele mesmo, já os outros, só contaram casos de pessoas próximas:

“mas com meu noivo já e ele deu corda... bah tive varias brigas por causa disso de conversas ke li do msn! **[ummmm, como foi isso, o q vc descobriu?]** descobri que ele tava tc com umas 9 gurias pra mais se for contar todas que peguei conversas dele.. pq eu era mt ciumenta sabe e procurava em tudo.. dai sempre achava algo fiquei mt mal **[entendi.. sei, e vc descobriu q ele tava c/ 9 atraves do orkut ou msn, ou os 2?]** os dois umas no msn outras no orkut.. sempre perdoava ele e ele aprontava ate ke um dia msm ficando mal mandei tudo pro espaço e ele me pediu de joelhos perdão.. e saiu do orkut ... e deixou trocar as senhas do msn... e hj ele vive só jogando no pc.. hj em dia confio nele. hj coloko minha mão no fogo mas se fossse no começo do ano nem morta”. (Vera, 18 anos, auxiliar de administração e está no Orkut há quase 3 anos).

“**[uhumm, e.. vc conhece alguem que tenha descoberto uma traição do (a) parceiro (a) pela Internet, pelo Orkut?]** bom, por enquanto não.. rrs [e., ao contrário, vc sabe de alguma pessoa que tenha traído alguém pela Internet?] sim.. sei sim.. **[uhumm, vc quer falar mais sobre isso?]** bom.. na verdade eu sei muito pouco da história mas o que eu sei foi que um casal de amigos meus namoravam há algum tempo longo já e por acaso a menina encontrou um antigo amor pelo Orkut.. e ai foi desenvolvendo um interesse, foi uma coisa nova pra ela e tudo mais.. acabo que ela dava muita bola pro cara, e chegou a ficar uma vez com ele.. mesmo namorando e logo após, terminou com o namorado.. **[entendi... e o namorado dela ficou sabendo de tudo?]** ficou porque ela contou a ele depois.. qd quis terminar..”. (Marcos, 21 anos, comerciante e está no Orkut há 2 anos e meio).

Marcos, porém, um pouco mais para o final da sua entrevista, revela que já passou por uma situação de “interesse de momento” no Orkut com uma pessoa de outro Estado, enquanto estava saindo com uma outra pessoa no mundo real. O curioso é que em nenhum momento ele diz que traiu esta pessoa, mas que tudo não passou de um interesse momentâneo, tanto da parte dele quanto da outra pessoa que se interessou por ele através da visualização da sua tatuagem em uma comunidade específica da qual ele fazia parte. Mas, para viver esta “paixão momentânea” ele chegou a terminar o relacionamento com a outra menina “real”. O final da história é que atualmente ele não fala com nenhuma das duas, pois houve um desentendimento entre ele e a menina “real” e ele acabou decidindo que seria melhor parar de conversar com as duas meninas pelo MSN. Desta forma, ele utilizou um recurso do programa para bloquear o acesso das duas a ele (o nome do recurso é “bloqueio de contatos”).

5.7

Quais seriam as reações dos sujeitos perante a traição?

As reações apontadas, imaginárias (suposições, caso acontecesse) ou reais (que aconteceram de fato), perante a descoberta da traição virtual foram muito parecidas com reações que seriam esperadas caso a traição tivesse sido “real”, fora da Internet, ou seja, as pessoas tenderam a dar a mesma intensidade de decepção tanto para uma quanto para outra, ou até mesmo chegaram a dizer que ser enganada (o) virtualmente é tão ruim quanto “realmente”. Vera, 18 anos, por exemplo, descobriu que seu noivo estava se relacionando virtualmente com nove meninas ao mesmo tempo e relata a sua reação perante esta descoberta:

“[Ah, ta... sei... e me diga, vc ja me disse q se sentiu muito mal, vc se sentiu traída qdo descobriu isso tudo?] sim obvio keria matar ele e akelas piruas. olha se fosse 1 pokinhu mais estressada matava ele bom hj em dia so mt estressada e antes ã era se fosse hj eu matava (...) as vezes palavras lidas doi mais ke algo acontecido pq se tu se encontra com alguem sem mt conversar ã tem como sentir algo mais sabe.. e conversando tu acaba sentindo algo...pela pessoa carinho etc. (...) sempre falei ke se alguem me traísse real ou virtual já era tudo”. (Vera, 18 anos, auxiliar de administração e está no Orkut há quase 3 anos).

Já Ana, 22 anos, está vivendo uma situação parecida com o namorado, que está trocando mensagens e visualizando fotos de outras mulheres pelo Orkut:

[como eram esses recados?] lembranças do passado e até gestos carinhosos, digo palavras, insinuações dizendo q quer revê-lo e até q quer beijá-lo, os dois merecem **[como vc se sente vendo esses recados?]** penso será que ela vira beijá-lo na minha casa ou vão dar um jeitinho por muitas vezes tenho vontade de separar antes que aconteça mas dizem/ p mim não desistir não sei o que fazer”. (Ana, 22 anos, técnica em Enfermagem e está no Orkut há 2 meses).

Outras reações apontadas foram a tentativa de conversar com o parceiro após a descoberta, reação esta que é igualmente esperada caso haja a descoberta de uma traição “real” e até o próprio término do relacionamento:

“ah eu acho que seria uma traição como qualquer outra, iria conversar, discutir e talvez até terminar o relacionamento” (Luisa, 21 anos, estudante de Enfermagem e está no Orkut há 1 ano).

“[certo.. vamos supor (...) caso vc descobrisse q uma namorada sua estivesse te traindo pelo Orkut, como vc reagiria?] bom, primeiramente eu iria propor uma conversa com a minha namorada pra saber o que está acontecendo e pedir sinceridade pra que ela me conte realmente o que está acontecendo.. depois não continuaria pq quem trai uma, trai duas.. e confiança é uma coisa que a gente conquista.. ou seja, perderia totalmente a confiança na pessoa..”. (Marcos, 21 anos, comerciante e está no Orkut há 2 anos e meio).

5.8 Diferenças entre a infidelidade no mundo real e a virtual

Metade dos sujeitos acredita que a principal diferença entre a infidelidade real e a virtual é que enquanto na primeira há o contato físico, na segunda isto não existe, o que a torna menos ameaçadora. Algumas passagens exemplificam isto:

“bom se a infidelidade for somente online, talvez uma boa conversa resolva o problema ou termine da mesma forma que a infidelidade real... eu acho que por não ter um envolvimento, contato ela é vista como mais amena, a real aí é mais complicado você aceitar, e aí já é motivo para terminar tudo. Acho isso, que ela não é tão ameaçadora como a infidelidade real” (Luisa, 21 anos, estudante de Enfermagem e está no Orkut há um ano).

“é mais facil de passar uma noite de sexo virtual do que uma noite de sexo animal em um motel neh...entao acho que tenho que concordar que não é 100% real só é real no sentido que esta mexendo com suas fantasias e vontades reais... (...) o fato de nao ser 100% real...reduz a culpa..a possibilidade de ser pego....reduz tudo... (...) a traição virtual é menos real..ou seja...nao tem contato fisico...é tudo na fantasia, é mais facil de esconder....se um cara tem desejo por travestis...ele pode dar conta do desejo dele pela internet, mesmo sendo casado....” (Rebeca, 23 anos, estudante de Psicologia e está no Orkut há 2 anos e meio).

“as diferenças que o orkut não é tão real e o mundo real a dor é mais forte posso até superar uma traição online mais não perdoou uma traição real [**entendi, e vc pode superar a traicao online por quais motivos?**] pelo motivo que a pessoa não esta de certa forma presente digo não esta se beijando transando em fim se manifestando por completo” (Cristina, 26 anos, professora e está no Orkut há 1 ano).

Já Vera, 18 anos, e Renata, 20 anos, por exemplo, disseram que não vêem diferença entre a infidelidade *online* e a real:

“[**o que vc pensa da infidelidade online?**] igual real horas... [**é, pq vc acha que é igual à real, de q forma?**] pq sempre acaba no real.. as vezes raramente ã acaba mas a pessoa ta sendo infiel flertando e trocando palavras... sabendo que tem alguém tipo parece que ta procurando alguém como se nem tivesse já alguém do seu lado... acho isso uma tremenda sacanagem ã da dando valor para o que tem” (Vera, 18 anos, auxiliar de administração e está no Orkut há quase 3 anos).

“[**quais diferencas vc vê entre a infidelidade / traicao que acontece fora da Internet e a que acontece dentro dela (virtual)?**] pra mim não há diferença a internet é só um meio, naum a traição em si, (tenho) certeza q quem começa um papo mais íntimo na internet tem a pretensão de sair dela pra conhecer a pessoa na vida real [**em todos os casos?**] não dá pra generalizar mas a maioria” (Renata, 20 anos, estudante de Ciências Sociais e está no Orkut há 3 anos).

Tendo apresentado os resultados obtidos a partir da realização das dez entrevistas com membros de comunidades do Orkut, apresentarei agora alguns depoimentos reveladores deixados em um fórum de discussão da comunidade chamada “Eu descobri pelo Orkut”. Em seguida, farei uma breve análise desses depoimentos, para, em seguida, apresentar a discussão dos resultados das dez entrevistas.

5.9 O Que Descobriram os Membros do Orkut?

Na comunidade “Eu descobri pelo Orkut” existe um fórum de discussão com alguns tópicos, dentre os quais um chama mais a atenção: “E aí, descobriu o quê?” Este tópico foi o mais respondido pelos membros e alguns depoimentos deixados são interessantes dentro da questão que vem sendo analisada nesta pesquisa, a infidelidade *online*. É importante ser colocado que 60 pessoas responderam à pergunta do tópico referido, das quais somente 5 eram homens e que alguns membros se mantêm anônimos, ou seja, não revelam sua foto ou nome (a não visualização da foto e do nome do membro pode ser também porque ele pode ter cancelado sua conta no Orkut). Alguns depoimentos continham palavrões que foram abreviados. Seguem abaixo os 15 depoimentos²⁰ que foram selecionados para a presente pesquisa, os quais foram transcritos com respeito à escrita de cada pessoa que os escreveu:

“descobri o nome de umas 50 pessoas.. pah.. no colegio soh conhecia de vista.. nem sabia o nome.. soh comprimentava de vez em quando.. dae eis q um dia eu entrei no orkut.. elas foram me add.. e eu fui descobrindo o nome.. pq se fosse pra eu pesquisar pra ir atrás de amigos.. a num ia dar certo naum..” (Homem 1)

“p. q. p. descobri q a mina q eu tava interessado tem uma P. DE NAMORADO p. m. viu eh f!!! ninguem merece c...!!!!!!!” (Homem 2)

“hehehe diferente de todos eu descobri, amigos que nao via a tempos e o orkut só veio estreitar ainda mais nossa amizade” (Homem 3)

“hahaa. nem rola falar assim, a parada eh seria!!” (Homem 4)

“descobri q namorei com uma p. q se dizia de santa!! familia da igreja, ela frequentava tb, e pregava q a sinceridade sempre é a melhor opção...enfim, acabamos varias vezes e essa ultima agora foi final mesmo, e ai descobri graças ao orkut uma mentira dela, so uma, mas que acarretou em varias outras dps, e ai uma melhor amiga dela me confirmava as coisas e me falava mais!! e viajou com um ex namorado da melhor amiga dela!! além de mentirosa, é p. e ainda fala q me ama! ai ai!! essas mulheres tão f....” (Homem 5)

²⁰ Julgo importante salientar que estes quinze depoimentos são referentes a pessoas diferentes daquelas outras dez que participaram das entrevistas *online*, cujos resultados foram expostos anteriormente, no capítulo 5 desta dissertação.

“Um belo "chifre"... Descobri q a pessoa com quem eu estava começando um relacionamento, estava ficando com outra... Foi terrível, eu não acreditei quando li aquele scrap! Foi o fim! Ngm merece!” (Mulher 1)

“Descobri q estava sendo enganada pelo meu ex!!!! (eh ex pq descobri pelo orkut!)” (Mulher 2)

“Acabei de ver nos scraps da ex do meu ficante, que eles voltaram... Graças ao Orkut, acabarei com tudo antes que me machuque ainda mais...” (Mulher 3)

“Coisas boas e ruins... vixi...tanta coisa!!! Q meu amorzinho tah casado com uma guria horrível... q um menino q eu fikava tava fikando com outraS ao mesmo tempo...q meu ex tah namorando... sei lah, mta mta coisa!!! Tbem reencontrei gente q fazia anos q eu naum falava... Consegui msn de mta gente!! sei lah, nem lembro de tudo hehe” (Mulher 4)

“Descobri que a mentira das pessoas tem perna curta! O orkut é melhor detector de mentiras que eu conheço! hehehe Mas não descobri nada de mais não, só o que alguns amigos dos tempos da escola andam fazendo, descobri que alguns amigos chegados não são exatamente como eu pensava pelas comunidades que fazem parte, descobri que meu namorado é realmente o homem mais perfeito do mundo hehe. Enfim, descobri que quem não deve não teme, e quem deve não devia nem estar no orkut hehehehe” (Mulher 5)

“Que ele escondia que ficava com outra. Aliás, ela parece uma rata.... aahahahahahahah” (Mulher 6)

“Descobri q eu era a outra....Péssimo.....” (Mulher 7)

“sacana!!! fikava com um carinha e ele disse q era solteiro.. perguntei se tinha orkut ele disse q não.. depois de fuçar muito, descobri o orkut da irmã, e consequente, o dele..o canalha tem namorada e ainda trabalha com ela..sem contar q um dia havia perguntado quem era a menina q ele ia trabalhar e ele me disse:"minha amiga" aiiiiii q ódio...” (Mulher 8)

“Descobri q meu marido tinha uma amante. Aff! Ainda bem q tenho orkut, senão ainda estaria casada c ele ate hj. Hehe” (Mulher 9)

“Descobri que meu marido já estava no orkut Quando entrei pro orkut no início do ano, descobri que o meu marido já estava aqui desde 2004 e não me disse nada. E em várias ocasiões durante 2005, quando o orkut começou a crescer, comentei com ele que estavam me convidando pra um tal de orkut, se ele sabia o que era isso. O FDP explicava o que era, mas "esquecia" de mencionar que já estava participando. Vi que na lista de amigos dele havia muitas mulheres, algumas eram ex. Um tempo depois ele saiu do orkut e eu também, agora só tenho este perfil pra participar em comunidades, não quero saber de ninguém me fuçando, pois houve outros problemas ainda piores. Mas isso é história pra um livro... Fui!” (Mulher 10)

É importante dizer que na comunidade “Eu descobri pelo Orkut” há um número muito maior de membros associados mulheres do que de homens. Como já foi explicado, havia 60 depoimentos em um dos tópicos (“E aí, descobriu o

quê?”) do fórum de discussão desta comunidade. Foram selecionados 15 depoimentos para a pesquisa de campo deste trabalho, dentre os quais somente 5 foram deixados por homens. Vamos agora discutir um pouco tais depoimentos.

5.9.1 Uma breve análise dos depoimentos

Quatro depoimentos falam da possibilidade oferecida pelo Orkut de descobrir amigos que estavam distantes e “sumidos”, como por exemplo, os de colégio. E um deles (Mulher 5) traz a outra característica interessante do Orkut, que é a possibilidade de ficar olhando as páginas de todos os outros membros, as quais têm muito a revelar a respeito da personalidade e da vida de cada um.

Dos 15 depoimentos, 11 falam de situações de descoberta de traição por parte do parceiro. O interessante é que quase todas as mulheres deixaram relatos que comprovam algum fato vivido de traição por parte delas, alguns com mais detalhes que outros. Já entre os homens, o mesmo não foi observado, dos quais 2 dizem ter descoberto no Orkut apenas amigos que estavam distantes. Em um dos depoimentos (Homem 3) não é revelado de forma clara o que foi descoberto. Dois outros homens falam de casos descobertos de infidelidade por parte da parceira e no depoimento de um deles (Homem 2) havia muitos palavrões, o que passa uma idéia de que para ele a descoberta gerou muita raiva e indignação. Isto não quer dizer, por outro lado, que as mulheres não tenham sentido o mesmo, mas no depoimento deste homem tais sentimentos ficam muito mais aparentes e intensificados. Podemos pensar aqui da mesma forma como o foi com os homens que foram entrevistados *online* para esta pesquisa, ou seja, que os homens não relatam, como as mulheres, que foram traídos. Talvez devido ao peso moral que a sociedade impõe ao homem que é traído, eles se sintam envergonhados de se expor no Orkut. Já as mulheres estão tendo a possibilidade de se expor através destes depoimentos *online* e o fazem sem grandes pudores. A traição que é cometida por homens, apesar de ser socialmente mais aceita, é praticamente inaceitável para as mulheres que a descobrem e, atualmente, elas têm a possibilidade de se expor quanto a isto, fato impensável há tempos atrás. Outra consideração importante a colocar é que esta comunidade possui mais mulheres

do que homens cadastrados e talvez por esta razão, um número maior de mulheres tenham deixados depoimentos no fórum de discussão.

Alguns que dizem ter descoberto a traição do (a) parceiro (a) chegaram a terminar os relacionamentos, e agradecendo o ocorrido ao Orkut, senão poderiam estar até hoje mantendo tais relacionamentos, pois continuariam sendo enganados (as).

A constante checagem que é feita pelas pessoas que estão no Orkut, pelo visto, faz com que algo que deveria ser mantido escondido fique aparente através de mensagens comprometedoras e de fotos. Todos os depoimentos apresentados mostram tal comportamento, que faz com que a descoberta da traição do parceiro no caso venha à tona. O relato da Mulher 5 é notório com relação a isto:

“(...) Enfim, descobri que quem não deve não teme, e quem deve não devia nem estar no orkut hehehehe”

Parece que aquele que quer manter outras relações no Orkut, além daquela que já possui fora dele (casamento, noivado, namoro, por exemplo), não consegue se manter por muito tempo “escondido” enquanto trai na Rede. Isto porque todos podem se “investigar” o tempo todo no Orkut, como se fossem detetives particulares. Outro fator importante é que estamos falando aqui de pessoas que estão se expondo para qualquer um que queira espiar e se a traição é algo que normalmente não se espera que seja descoberta, por que razão então, algumas pessoas a cometem no Orkut mesmo sabendo que podem ser descobertas pelo parceiro? Esta pergunta é algo a ser mais bem pensado, mas no momento o que pode ser concluído é que a traição está adquirindo novos contornos na Internet, mais especificamente, no Orkut. Os sentimentos gerados depois da descoberta tanto de uma quanto de outra são similares: raiva, indignação, decepção, menos valia. Mas a forma como se descobre é bem diferente e talvez o tempo para se descobrir é mais reduzido do que no mundo real. O depoimento destacado abaixo é interessante, pois esboça esta diferença entre a (possível) descoberta da traição no ciberespaço e no mundo real:

“Descobri q meu marido tinha uma amante. Aff! Ainda bem q tenho orkut, senão ainda estaria casada c ele ate hj. Hehe” (Mulher 9)

Este depoimento nos mostra que se não fosse a descoberta através do Orkut, esta mulher estaria casada com o marido que a traiu até hoje. Isto passa uma idéia de que, para esta pessoa, no mundo real a traição pode ser ainda vista como sendo mais facilmente escondida pelo parceiro do que na Internet. Porém, podemos pensar que quem comete uma traição pode deixar uma pista, um “rastro” para trás, o que sempre gera desconfiança no parceiro traído. Isto pode acontecer dentro ou fora da Internet. No Orkut pode-se descobrir tudo, por exemplo, através de mensagens comprometedoras deixadas para trás e, fora do Orkut, até mesmo uma mancha de batom pode revelar a traição. Ou seja, nem sempre as pistas podem ser apagadas quando se trata de traição. Por fim, o Orkut pode ser entendido como um novo meio para que a traição ou a infidelidade aconteçam e sejam descobertas. Mas, acredito que a infidelidade e a traição em si não acontecem de uma maneira muito diferente daquela que já conhecemos dentro do mundo virtual. As reações apontadas quando descobertas são as mesmas, assim como as desconfianças do parceiro, que também existem e sempre existiram, sem o Orkut. O que muda para cada pessoa é o final da história, ou seja, se haverá ou não término do relacionamento depois da traição.

6

Discussão dos Resultados das Entrevistas

Neste capítulo apresentarei a discussão de alguns resultados realizando um contraponto com o que foi especulado ao longo deste trabalho a respeito de infidelidade e traição.

Vimos no terceiro capítulo que para Ben-Ze'ev (2004), o ciberespaço possui uma natureza interativa. Em outras palavras, o ciberespaço é um lugar onde pessoas reais têm interações reais com outras pessoas. Com relação a esta interatividade, os usuários do Orkut podem, e estão de fato, mantendo contato com várias pessoas, sejam elas já pertencentes ao seu ciclo social fora da Rede, ou que se tornaram conhecidas dentro da Internet, ou do próprio Orkut. Ou seja, assim como as salas de bate-papo, o Orkut também é usado para se conhecer pessoas novas, mas a característica que mais interessou aos usuários do Orkut que fez com que eles entrassem para esta comunidade virtual, foi a possibilidade de encontrar pessoas com as quais já tinha se perdido contato, como os velhos amigos. Esta característica não existia nos outros meios que já foram muito usados para se relacionar virtualmente (como o IRC, por exemplo).

Outra diferença entre o Orkut e as salas de bate-papo é a questão do anonimato. Foi visto que a comunicação via Internet possibilita que os usuários utilizem o recurso de permanecerem anônimos e a auto-revelação só acontecerá se a pessoa estiver realmente interessada pela outra pessoa e vice-versa (Merkle and Richardson, 2000). Enquanto que no Orkut ele praticamente inexistente, pois os sujeitos lá se expõem através de fotos, características pessoais e através do próprio nome, nas salas de bate-papo a identidade era preservada através do uso dos *nicks*. Isto não quer dizer que no Orkut todas as pessoas se expõem, pois existe um outro “lado” da comunidade, no qual há também aqueles que não se expõem por completo, pois assumem outra personalidade, usando outro nome, apelido ou até mesmo não revelando sua foto verdadeira. Mas este outro aspecto anônimo do Orkut não foi abordado nesta pesquisa, pois nela só participaram sujeitos que não estão usando o anonimato no Orkut. Ademais, este recurso começou a ser usado

no Orkut mais recentemente, pois desde que foi lançado, as pessoas comumente se cadastravam expondo sua identidade verdadeira.

Uma outra questão interessante que foi apontada pelos sujeitos é a exclusividade que é diretamente relacionada a estar comprometido com alguém, ou seja, o fato de o parceiro trair com uma terceira pessoa, fere com este compromisso. Com relação a esta questão, vimos que ao longo da história a exclusividade da mulher com relação ao homem sempre se manteve, ou seja, era concedida muita liberdade ao homem e pouca liberdade à mulher. No passado a mulher era praticamente sempre castigada caso traísse seu parceiro, enquanto que ao homem nada acontecia caso fosse descoberto traindo sua companheira. Ou seja, nossos sujeitos mantêm em mente a questão da exclusividade quando falam de um relacionamento de compromisso com alguém. Porém, atualmente parece que quando a mulher descobre a traição por parte do homem, há uma espécie de “castigo” pois chega ao rompimento do relacionamento, ao contrário do que acontecia no passado, quando o homem era praticamente impune por seus atos de traição. Parece haver, hoje em dia, um movimento e um posicionamento mais enfático por parte das mulheres com relação à traição masculina do que antigamente. Com relação a isto, Giddens (1993) enfatiza o fato de que apesar do padrão duplo ainda existir, as mulheres não são mais tão tolerantes diante dos casos extraconjugais dos homens e elas pensam que podem também agir da mesma forma que eles (p. 22).

Com relação às definições de traição e infidelidade dadas pelos sujeitos da pesquisa, fica claro a dificuldade de se pensar em um assunto ainda considerado como tabu atualmente. Vimos que até mesmo entre os pesquisadores não há um consenso quanto à definição destes termos (Blow e Hartnett, 2005a). Mas, por outro lado, foi levantada uma nova definição para o que alguns sujeitos consideram traição virtual: a “traição por pensamento”, que está muito próxima à definição dada por alguns pesquisadores para infidelidade emocional. Ela se refere aos casos de infidelidade mediada pela Internet. O relacionamento neste caso é estabelecido sem contato visual ou físico pelos parceiros e não há um objetivo principal e aparente de achar um parceiro sexual, como seria nos casos de infidelidade sexual (Barta e Kiene, 2005). A infidelidade é emocional na Internet

porque entram em jogo fantasias e desejos pessoais, além do uso da palavra (escrita e oral), porém sem o sexo ou o contato corporal real.

É interessante lembrar que Murphy et. al. (2005) explicam que o homem demonstra ciúmes quando descobre que sua parceira foi infiel sexualmente e os ciúmes na mulher serão ativados quando descobre que seu parceiro se envolveu emocionalmente com outra pessoa pois ela tende a achar que seu parceiro pode não estar mais querendo investir nela de maneira exclusiva. Talvez isto explique porque seria (ou foi de fato) muito doloroso para a maioria das mulheres entrevistadas descobrirem que seus parceiros foram infiéis com elas na Internet. A entrevistada Vera exemplifica isto no relato abaixo:

“(...) as vezes palavras lidas doi mais ke algo acontecido pq se tu se encontra com alguém sem mt conversar ã tem como sentir algo mais sabe.. e conversando tu acaba sentindo algo...pela pessoa carinho etc. (...) sempre falei ke se alguém me traísse real ou virtual já era tudo”. (Vera, 18 anos, auxiliar de administração e está no Orkut há quase 3 anos).

Fica claro que ela dá muita importância ao sentimento que pode ser gerado em conversas *online* e não só ao fato de o parceiro se encontrar fisicamente com outra mulher.

Vimos também que quando foram perguntados se conheciam alguém que tivesse tomado conhecimento de uma traição ou infidelidade *online*, quase todas as mulheres além de relatarem casos, assumiram que elas mesmas já tinham passado por uma situação de descoberta tanto real quanto virtual por parte do parceiro amoroso. Já entre os homens, apenas um disse que já tinha acontecido com ele mesmo, já os outros, só contaram casos conhecidos. Não posso generalizar a minha análise a respeito disso, pois o número de homens entrevistados foi inferior ao de mulheres, mas posso sugerir que para o homem é mais difícil assumir que foi traído ou que traiu, ainda mais para uma pessoa do sexo feminino (para mim, entrevistadora). Ademais, como foi colocado, pesquisar sobre a infidelidade é difícil, por ser um assunto complicado de se falar abertamente (pressão social, danos individuais, etc.). Muitos temem que seus relatos possam ser revelados, principalmente dentre aqueles que já foram infiéis em algum momento de suas vidas. (Blow e Hartnett, 2005a, p. 187). Pode ser que até mesmo a baixa aceitação para participar da pesquisa por parte dos homens possa estar indicando esta dificuldade de falar abertamente sobre o assunto, ou por

acharem que o fato de alguns terem relacionamentos pela Internet com outras mulheres não significa que estão sendo infiéis. Isto porque na Rede não há o contato físico que é considerado pré-condição para a traição real: “Por conta da ausência do contato corporal, as pessoas tendem a pensar que não estão sendo infiéis com seus parceiros enquanto teclam com outras pessoas na Internet” (Ben-Ze’ev, 2004).

Por ser algo novo, fica aparente também a dificuldade dos sujeitos pensarem a respeito da infidelidade *online*, como relata Luisa em dois momentos diferentes de sua entrevista:

“ah eu acho que seria uma traição como qualquer outra, iria conversar, discutir e talvez até terminar o relacionamento” /

“eu acho que por não ter um envolvimento, contato ela (infidelidade online) é vista como mais amena, a real aí é mais complicado você aceitar, e aí já é motivo para terminar tudo. Acho isso, que ela não é tão ameaçadora como a infidelidade real” (Luisa, 21 anos, estudante de Enfermagem e está no Orkut há um ano).

Estas duas passagens mostram uma contradição dentro do relato de Luisa, fruto da vivência de um novo sentimento gerado pelo uso do Orkut. Se já é complicado pensar em algo como a descoberta de uma traição no mundo real, que geraria muitos sentimentos contraditórios, imagine vivenciar isto dentro da Internet. Apesar de já ter se constituído como um novo lugar para a procura de parceiros amorosos, como também já foi visto no terceiro capítulo, parece que ainda não foram construídos parâmetros para se pensar até onde se pode ir, no que diz respeito a esta procura de aventuras amorosas. Devido a este fato, fica igualmente difícil pensar nos sentimentos gerados a partir da descoberta destes novos relacionamentos, por parte do parceiro amoroso “real”.

Por fim, apesar da diferenciação apontada também pelos sujeitos entre o contato físico existente na traição real e a sua ausência na infidelidade *online*, as reações apontadas perante a descoberta das duas são muito parecidas entre si. É um outro tipo de infidelidade, apesar de ser descrita como mais amena do que a real (que acontece fora da Rede), por conta da ausência do contato corporal. Apesar disso, há o receio de que as fantasias e desejos saiam da Internet para o mundo real. Ou seja, não houve um consenso por parte dos entrevistados a

respeito dos sentimentos gerados pela descoberta da infidelidade *online*. Assim como cada um teria uma opinião diferente a respeito da infidelidade que acontece fora da Internet, o mesmo acontece com as reações perante a infidelidade *online*. Podemos pensar que apesar do meio ser diferente (Internet, ou virtual), a infidelidade pode acontecer da mesma forma e isto faz com que as pessoas reajam das mais diversas formas, da mesma maneira como ocorre fora da Rede.

7 Considerações Finais

Com a realização das dez entrevistas com pessoas que fazem parte de comunidades do Orkut voltadas para o tema da traição e com a subsequente análise de quinze depoimentos deixados no fórum de discussão de uma destas comunidades, foi possível chegar a algumas conclusões a respeito da infidelidade *online*. Neste último capítulo será feita uma recapitulação dos principais resultados da pesquisa de campo que foi realizada para este trabalho.

Vimos que com o advento da Internet surgem novos tipos de relacionamentos, que são os virtuais e que são bem diferentes daqueles que são estabelecidos presencialmente. As pessoas que buscam novos relacionamentos na Internet costumam não ter, a princípio, tanta preocupação com a aparência física, pois o importante é o interior, ou seja, são relacionamentos baseados em fantasias e desejos de cada um. A intimidade é alcançada rapidamente, diferente do que acontece fora da Internet e isto acontece na maioria das vezes somente através de conversas baseadas na linguagem escrita. Até mesmo o sexo pode ser praticado na Rede: é o *cybersex*.

Assim, se a Internet possibilitou a emergência de um novo tipo de relacionamento amoroso, ela também vem gerando outras facetas para a questão da infidelidade. Com relação a isto, posso apresentar agora o resumo dos resultados alcançados com a pesquisa de campo.

Grande parte de nossa amostra disse que a traição é algo inaceitável e que corrompe o pacto de compromisso com o parceiro amoroso. A maioria coloca ainda que estar comprometido com alguém é sinônimo de exclusividade, ou seja, o fato do parceiro traír com uma outra pessoa, fere com esta “combinação” interna ao casal. Para Goldenberg (2006), até hoje,

“A fidelidade permanece um valor, apesar das enormes mudanças nas relações afetivo-sexuais na atualidade. Homens e mulheres traem. Homens e mulheres são traídos. A relação entre valores, discursos e comportamentos se mostra extremamente complexa e paradoxal quando a questão é (in)fidelidade” (Goldenberg, 2006, p. 18).

A traição é definida por cada um dos sujeitos de forma bem diferente. Para alguns a traição representa quebra de confiança e falta de respeito, enquanto que para outros está ligada ao ato em si, ou seja, significa o parceiro beijar ou fazer sexo com alguém. Para outros a infidelidade representa isto tudo também, ou seja, a traição teria a mesma definição de infidelidade, como se fossem sinônimos. Com isto, pudemos ver o quanto o assunto gera ainda hoje muita confusão. Quando iniciei a pesquisa bibliográfica para este trabalho, me deparei também com uma dúvida que eu mesma tinha, com relação à definição de traição e infidelidade. Assim como os entrevistados, eu também não tinha clareza a respeito do que significava cada uma das duas palavras. A uma eu atribuía mais gravidade e a outra, menos gravidade, ou seja, a traição, na minha opinião, era mais complicada de se perdoar do que a infidelidade. Esta parecia não estar ligada somente a relações amorosas, mas também a outros tipos de relações humanas. Por exemplo, “meu amigo foi infiel ao que eu disse a ele”, ou seja, ele reproduziu uma fala minha erroneamente para outras pessoas. Já a traição, na minha opinião, estaria muito ligada ao ato de beijar e fazer sexo com outra pessoa que não o parceiro amoroso. Quando acontecem na Internet, é complicado definir se foi traição ou se foi infidelidade de fato. Acredito que é isto que os sujeitos também sentiram ao falarem a respeito.

Por exemplo, a traição de pensamento foi aquela relacionada à Internet. Os sujeitos concordam que apesar de não haver o contato físico na Rede, há a vontade, o desejo de ter relacionamentos com outras pessoas, assim como a possibilidade de brincar mais com as fantasias. Seria então, uma outra palavra para infidelidade emocional, nome dado por pesquisadores à infidelidade que acontece na Internet.

Alguns sujeitos disseram que a Internet é um grande facilitador para que a traição aconteça. Podemos pensar que o simples fato de existir a possibilidade de livre acesso a outras pessoas na Rede, isto, por si só, já levaria alguém que já tenha um relacionamento fora da Rede a buscar um contato com outras dentro dela. E sem o(a) parceiro(a) tomar conhecimento desta busca. A questão é de que forma o(a) companheiro(a) entende tal busca a partir do momento em que descobre a mesma. Pelo visto, a simples troca de mensagens mais ardentes, carinhosas ou “ilícitas” pela comunidade virtual Orkut já é considerada pelos sujeitos da pesquisa que foi apresentada neste trabalho, como uma forma de

traição pela Internet, assim como a visualização de fotos de outros homens e mulheres, por parte do parceiro amoroso. A própria possibilidade de visualização constante das mensagens trocadas e das fotos também que cada um coloca em suas páginas do Orkut , faz com que aquilo que se espera que se mantenha escondido seja descoberto por parte do parceiro, no caso, a infidelidade *online*.

Ao mesmo tempo em que a Internet vem sendo um grande facilitador para que a traição ocorra, podemos pensar que sempre existiram, e ainda existem outros meios que facilitam a ocorrência da traição. No caso da Internet, já há meios para que o traidor não seja descoberto pelo parceiro, seja apagando *emails*, seja deletando as mensagens comprometedoras trocadas no Orkut com outras pessoas. Enfim, existem meios para que o parceiro não descubra nada. Mas, pudemos ver que, de acordo com nossos sujeitos, nem sempre isto é feito, e quando o parceiro descobre alguma pista, as reações dele não são boas. Com relação ao telefone celular também podemos pensar que é um meio que facilita a traição. Isto porque nem sempre aquele que está com um celular atenderá as ligações do parceiro, principalmente se estiver em alguma situação comprometedoras, ou seja, traindo seu parceiro com alguém. É possível desligar o celular para não ser encontrado. Então, parece que as tecnologias vêm se configurando como grandes facilitadores para a traição. Ao contrário das épocas passadas, nas quais isto tudo não existia e era preciso fazer uso de bilhetes, cartas e recados mandados por outras pessoas para que o encontro clandestino ocorresse. Era necessário que existisse alguém que mantivesse o segredo da traição, para que o parceiro não descobrisse tudo de uma hora para outra. Mas, podemos pensar que apesar da existência dos recursos tecnológicos, a traição permanece ainda hoje, como um comportamento desviante e passível de ser descoberto e gerador de muita decepção.

Com relação ainda aos dias atuais, Goldenberg (2006) coloca que apesar do ciúme e da infidelidade serem apontados como principais problemas nos relacionamentos amorosos, os homens e mulheres exigem sinceridade, lealdade e franqueza. Ao mesmo tempo, reivindicam privacidade, espaço, independência e autonomia. A dificuldade encontrada pelos casais, hoje em dia, é dosar a independência de um com relação ao outro e a cumplicidade e interdependência como valores a serem seguidos na relação. E podemos pensar que a Internet dificulte ainda mais estes valores, pois o seu uso faz com que as pessoas se sintam

livres e desimpedidas, pois não há limites claros de até onde podem seguir em frente, até onde podem se deixar envolver com uma terceira pessoa dentro da Rede. Ali, parece que estão livres de julgamentos morais e emocionais por parte do parceiro, enquanto que na verdade, não é o que acontece quando são descobertos.

Na presente pesquisa as mulheres revelaram mais casos de infidelidade e de traição do que os homens. Para elas a descoberta da traição virtual provoca tanta decepção quanto se fosse real, apesar de algumas relatarem que a primeira é menos ameaçadora do que a outra devido à falta do contato físico. Este resultado parece estar de acordo com o resultado encontrado por Goldenberg (2006) em sua pesquisa, na qual 41% das mulheres responderam que já haviam sido traídas, enquanto que apenas 32% dos homens assumiram que já tinham passado por isto. Parece haver uma dificuldade no contexto masculino de se assumirem e se incluírem em casos de pessoas que já foram traídas, talvez pelo fato de se sentirem pressionados culturalmente e pelo grupo de homens do qual fazem parte em se manterem como traidores e não como traídos.

Podemos dizer então, que a Internet, mais especificamente o Orkut, vem introduzindo novos comportamentos e sentimentos com relação à infidelidade. Como ainda é tudo muito recente, não se pode chegar a muitas conclusões fechadas, mas que ainda estão se configurando novas percepções e vivências com relação a um assunto tão complicado de ser falado e descoberto, a traição e a infidelidade. Além disso, as pessoas parecem estar tentando fazer uma adaptação do que elas já pensavam a respeito da infidelidade antes da Internet, ao contexto do ciberespaço. Conceitos como exclusividade, por exemplo, são transportados para a Rede. Mas nela, a traição se desenvolve de outras formas que não a convencional... e muitas perguntas ainda ficaram sem respostas, por exemplo, como será que a pessoa que trai o parceiro na Internet, se sente com relação a isto? Esta e outras questões ficarão para um próximo trabalho, mas uma coisa é certa: a Internet está mudando a forma como homens e mulheres se relacionam entre si, e gerando novas maneiras de pensar e sentir a infidelidade. Este trabalho buscou esboçar algumas destas questões, mas acredito que muito ainda há para ser pesquisado por nós, profissionais da área de psicologia, interessados em acompanhar as mudanças pelas quais o ser humano vem passando desde o advento da Internet.

8 Referências Bibliográficas

ATKINS, D. C., BAUCOM, D. H. & JACOBSON, N. S. Understanding Infidelity: Correlates in a national random sample. **Journal of Family Psychology**, 15, p. 735-749, 2001.

BAGDADI, S. Fidelidade X Lealdade: a saída para poupar sofrimento ainda é o pacto entre os casais. **Revista Domingo do Jornal do Brasil**, ano 30, nº 1576, 16 de julho de 2006.

BARTA, W. D. e KIENE, S. M. Motivations for Infidelity in Heterosexual dating couples: The Roles of Gender, Personality Differences, and Sociosexual Orientation. **Journal of Social and Personal Relationships**. Vol. 22 (3): 339-360, 2005.

BEN-ZE'EV, A. **Love Online: Emotions On The Internet**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

BETZIG, L. L. "Causes of conjugal dissolution: A cross-cultural study". **Current Anthropology**. 30: 654-76, 1989.

BÍBLIA, **Novo Testamento, Evangelho Segundo São Marcos**. Disponível em: <http://virtualbooks.terra.com.br/biblia/PDFnovo/EvangelhoSaoMarcos.pdf> >. Acesso em ago 2006.

BLOW, A. J., HARTNETT, K. Infidelity in Committed Relationships I: A Methodological Review. **Journal of Marital and Family Therapy**, vol. 31, n. 2, p. 183-216, April, 2005a.

_____, Infidelity in Committed Relationships II: A Substantive Review. **Journal of Marital and Family Therapy**, vol. 31, n. 2, p. 217-233, April, 2005b.

BRANCO, A. C., A Vingança dos Ex. **Revista O Globo**, ano 2, nº 94, 14 de maio de 2006.

BULLOUGH, V. L., **Sexual Variance in Society and History**. Chicago: Univ. os Chicago Press, 1976.

CANN, A., MANGUM, J. e WELLS, M. Distress in Response to Relationship Infidelity: The Roles of Gender and Attitudes About Relationships. **The Journal of Sex Research**, vol. 38, n. 3, p. 185-190, August, 2001.

COSCARELLI, C. **O fenômeno Orkut**, 19 jun 2004. Disponível em: <http://www.universia.com.br/materia/materia.jsp?materia=4401>>. Acesso em jul 2004.

DESTENO, D. A., BARLETT, M. Y., BRAVERMAN, J. & SALOVEY, P. Sex Differences in Jealousy: Evolutionary Theory or Artifact of measurement? **Journal of Personality and Social Psychology**, 83, 1103-1116, 2002.

DIAS, V. G., **Traídos na internet**. Revista Pontes, v. 04, 2005.

DONTDATEHIMGIRL.COM, Disponível em
<<http://www.dontdatehimgirl.com/>>. Acesso em ago 2006.

DOOM, A. **Orkut**, 2004. Disponível em:
<www.superdownloads.com.br/materias/20040810,241,1.html>. Acesso em jul 2004.

Exclusão Digital ainda atinge maioria dos brasileiros, mostra pesquisa. **Jornal O Globo**, 9 de novembro de 2006.

FISHER, H. E. **Anatomia do Amor: a história natural da monogamia, do adultério e do divórcio**. Rio de Janeiro: Eureka, 1995.

Flerte fora do casamento ajuda relação, diz pesquisa. BBC Brasil.com, 2006. Disponível em
<http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2006/09/060926_flert_e_dg.shtml> Acesso em out de 2006.

FOLHA ONLINE, **Após ser acusado de assediar atrizes, diretor do "Zorra" é demitido**, 25 de ago 2006. Disponível em
<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u63788.shtml>>. Acesso em: set de 2006.

Genes explicariam traição feminina, diz cientista. BBC Brasil.com, 7 de junho de 2004. Disponível em
<http://www.bbc.co.uk/portuguese/ciencia/story/2004/06/040607_geneml.shtml> Acesso em out de 2006.

GIBSON, W., **Neuromancer**, London: Grafton, 1986.

GIDDENS, A. **A Transformação da Intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora Unesp, 1993.

GOLDENBERG, M. **A Outra: um estudo antropológico sobre a identidade da amante do homem casado**. Rio de Janeiro: Revan, 1990.

_____. **Infieis: notas de uma antropóloga**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

GOVE, C. M. "Wife lending: Sexual pathways to transcendence in Eskimo culture". **Enlightened Sexuality**, ed. G. Feurstein. Freedom, Calif.: Crossing Press, 1989.

HAUAISS, **Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa**. Versão 1.0, Dezembro de 2001. Editora Objetiva Ltda.

HUGHES, R. J. e HANS, J. D. "Effects of the Internet on Family Life". In M. Coleman e L. H. Ganong (Ed.), **Handbook of Contemporary Families: Considering The Past, Contemplating The Future**, Sage Publications, p. 508-520, 2004.

HUNT, M. M. **Sexual Behavior in The 1970s**. Chicago: Playboy Press, 1974.

JABLONSKI, B. **Até Que A Vida Nos Separe: A Crise do Casamento Contemporâneo**. Rio de Janeiro: AGIR, 1998.

_____. "Atitudes de Jovens Solteiros Frente à Família e o Casamento: Novas Tendências" in em T. F. Carneiro (org.), **Família e Casal – Efeitos da Contemporaneidade**, Rio de Janeiro, ed. PUC-Rio, p. 93-110, 2005.

KINSEY, A. C., et al. **Sexual Behavior in the Human Female**. Philadelphia: W. B. Saunders, 1953.

KINSEY, A. C., Pomeroy, W. B., and Martin, C. E. **Sexual Behavior in the Human Male**. Philadelphia: W. B. Saunders, 1948.

LAWSON, A., **Adultery: an analysis of love and betrayal**. United States of America: Basic Books, 1988.

LIMA, F. O., **A Sociedade Digital: O Impacto da Tecnologia na Sociedade, na Cultura, na Educação e nas Organizações**. Rio de Janeiro: Qualitymark Ed., 2000.

MAHEU, M. M., SUBOTNIK, R. B., **Infidelity on The Internet: virtual relationships and real betrayal**. United States of America: Sourcebooks, 2001.

MCKENNA, K. Y. A., GREEN, A. S. e GLEASON, M. E. J., Relationship Formation on the Internet: What's the Big Attraction? **Journal of Social Issues**, vol. 58, n. 1, p. 9-31, 2002.

MERKLE, E. R. e RICHARDSON, R. A., Digital Dating and Virtual Relating: Conceptualizing Computer Mediated Romantic Relationships, **Family Relations**, 49: 187-192, 2000.

MILEHAM, B. L. A., Cheating By Chatting. **Hispanic Magazine.com**, 17, n. 3, 2004b. Disponível em:

<<http://www.hispaniconline.com/magazine/2004/march/Features/cheating.html>>, acesso em ago de 2006.

_____, Online infidelity in Internet chat rooms: an ethnographic exploration. **Computers in Human Behavior**. Volume 23, Issue 1, Pages 11-31, 2004a.

MURPHY, S. M. et. al. Relationship experience as a predictor of romantic jealousy. **Personality and Individual Differences**, 40: 761-769, 2006.

MURSTEIN, B. **Exploring intimate life styles**. New York: Springer Publishing Company, 1974.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. **A análise de discurso em questão**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, vol. 10, número 2, 1994.

_____. **Análise de discurso e pesquisa qualitativa**. Anais da 18ª Reunião Anual da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto, 1989a.

_____. Internet: a negatividade do discurso da mídia versus a positividade da experiência pessoal. **Estudos de Psicologia**, Natal, UFRN, v. 7, n. 1, p. 25-36, jan/jun de 2002.

_____. Questões metodológicas sobre a análise de discurso. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, vol. 4, números 1/2, 1989.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M.; LEITÃO, C.F.; ROMÃO-DIAS, D. **Como conhecer usuários através do Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS)** VI Simpósio Brasileiro sobre Fatores Humanos em Sistemas Computacionais, IHC 2004. Curitiba, outubro de 2004. Disponível em [http://www.serg.inf.puc-rio.br/xlink.php?lng=en&url=serg/pub/carla/IHC04 Nicolaci Leitao Romao MEDS.pdf](http://www.serg.inf.puc-rio.br/xlink.php?lng=en&url=serg/pub/carla/IHC04%20Nicolaci%20Leitao%20Romao%20MEDS.pdf)>, Acesso em: out de 2005.

OKIMURA, J. T. e NORTON, S. A., Jealousy and Mutilation: nose-biting as retribution for adultery. **The Lancet**, volume 352, issue 9145, December 19/26, pages 2010-2011, 1998.

ORKUT, Disponível em <www.orkut.com>. Acesso em fev de 2005.

PINHEIRO, D. Trair e Teclar, é só começar. **Veja On-line**, 25 de jan 2006. Disponível em <http://veja.abril.uol.com.br/250106/p_076.html>. Acesso em: 19 de jul 2006.

PINTO, C., A Comunicação mediada por computador. O exemplo do IRC, **Revista TEXTOS de la CiberSociedad**, 6, 2004. Temática Variada. Disponível em <<http://www.cibersociedad.net/textos/articulo.php?art=39>>. Acesso em: set de 2006.

RHEINGOLD, H. **Virtual Community**, 1998 Disponível em <<http://rheingold.com/vc/book>>. Acesso em: out de 2004.

SOCCI, V., "Atitudes em Relação ao Sexo, Amor e Casamento: Raízes Históricas" in **Elaboração e Validação de uma Escala de Atitude em Relação ao Sexo**. Tese de Doutorado, USP, 1983.

TANNER, T. **Adultery in the novel: contract and transgression**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1979.

TEICH, M., Love But Don't Touch. **Psychology Today**, 39, n. 2, p. 81-86, 2006.

THOMPSON, A. Emotional and sexual components of extra-marital relations. **Journal of Marriage and The Family**, 46, 35-42, 1984.

'Traição virtual' cresce rápido nos EUA, diz estudo. BBC Brasil.com, 21 de Julho de 2003. Disponível em <http://www.bbc.co.uk/portuguese/ciencia/story/2003/07/030721_internet_mt.shtml>. Acesso em out de 2006.

VON DER WEID. Perdoa-me por te trair: um estudo antropológico sobre a infidelidade feminina. **Revista Habitus: revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais – IFCS/UFRJ**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p.49-59, 30 mar de 2004. Anual. Disponível em <www.habitus.ifcs.ufrj.br>. Acesso em: 21 de julho de 2006.

WEBB, J. **Site que 'expõe namorados infiéis' é processado**, 2006. Disponível em <http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2006/07/060701_web_site_processo.shtml> Acesso em: out de 2006.

WHITTY, M. T., Cyber-flirting: Playing at Love on the Internet. **Theory and Psychology**, vol. 13(3): 339-357, 2003.

WHYTE, M. K., **The Status of Women in Preindustrial Societies**. Pinceton: Princeton Univ. Press, 1978.

WIEDERMAN, M. W., Extramarital Sex: Prevalence and Correlates in a National Survey, **Journal of Sex Research**, 34, p. 167-174, 1997.

WIKIPEDIA, **Enciclopédia Virtual**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A1gina_principal>. Acesso em: Set de 2006.

YOUNG, K. S. "The evaluation and treatment of Internet addiction". In **L. VandeCreek & T. Jackson (Eds.), Innovations in clinical practice: A source book**, Vol. 17 (p. 19-31). Sarasota, FL: Professional Resource Press, 1999a.

YOUNG, K. S., GRIFFIN-SHELLEY, E., COOPER, A. et al. Online Infidelity: A New Dimension in Couple Relationships with Implications for Evaluation and Treatment, **Sexual Addiction & Compulsivity**, 7:59-74, 2000.

9

Anexo 1

Aqui são apresentadas ilustrações das páginas iniciais das três comunidades virtuais onde foram recrutados os sujeitos que participaram da pesquisa de campo desta dissertação.

The screenshot shows a web browser window displaying an Orkut community page. The browser's address bar shows the URL: <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=6605109>. The page title is "Traição pra mim é o fim!". The community description reads: "Para você que sabe que traição é o fim, e sabe que se há amor, com uma traição todos saem perdendo. Eu acho que todos erram na vida mas um erro desses é muito difícil de se perdoar principalmente quando se descobre tudo através de terceiros, além de a humilhação ser muito grande ainda vem a dor da mentira e de saber que tudo que você já fez por aquela pessoa foi em vão que ela nem se quer teve a consideração e maturidade para vim te contar e pedir desculpas pelo que fez com você e com o seu coração! O amor é um dos sentimentos mais lindos, e eu realmente acho que se temos a liberdade para escolher com quem podemos ficar e o que queremos fazer não temos a necessidade de trair, para mim a traição é falta de diálogo, eu acho tão mais fácil sentar e conversar explicar as coisa e chegar a uma solução do que fingir que nada aconteceu e sair trair e machucar um coração... principalmente se você estiver dentro dele! quanto mais se ama mais difícil é para esquecer...". The page also features a list of members (Cris, Maria Alice, Thaimé, Isis Mara) and a list of community posts (A Saúde me fez te perdoar..., Eu s... esc... err... (94)). The browser's address bar shows the URL: <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=6605109>. The page title is "Traição pra mim é o fim!". The community description reads: "Para você que sabe que traição é o fim, e sabe que se há amor, com uma traição todos saem perdendo. Eu acho que todos erram na vida mas um erro desses é muito difícil de se perdoar principalmente quando se descobre tudo através de terceiros, além de a humilhação ser muito grande ainda vem a dor da mentira e de saber que tudo que você já fez por aquela pessoa foi em vão que ela nem se quer teve a consideração e maturidade para vim te contar e pedir desculpas pelo que fez com você e com o seu coração! O amor é um dos sentimentos mais lindos, e eu realmente acho que se temos a liberdade para escolher com quem podemos ficar e o que queremos fazer não temos a necessidade de trair, para mim a traição é falta de diálogo, eu acho tão mais fácil sentar e conversar explicar as coisa e chegar a uma solução do que fingir que nada aconteceu e sair trair e machucar um coração... principalmente se você estiver dentro dele! quanto mais se ama mais difícil é para esquecer...". The page also features a list of members (Cris, Maria Alice, Thaimé, Isis Mara) and a list of community posts (A Saúde me fez te perdoar..., Eu s... esc... err... (94)).

Figura 4: Fonte: www.orkut.com (acesso em agosto de 2006)

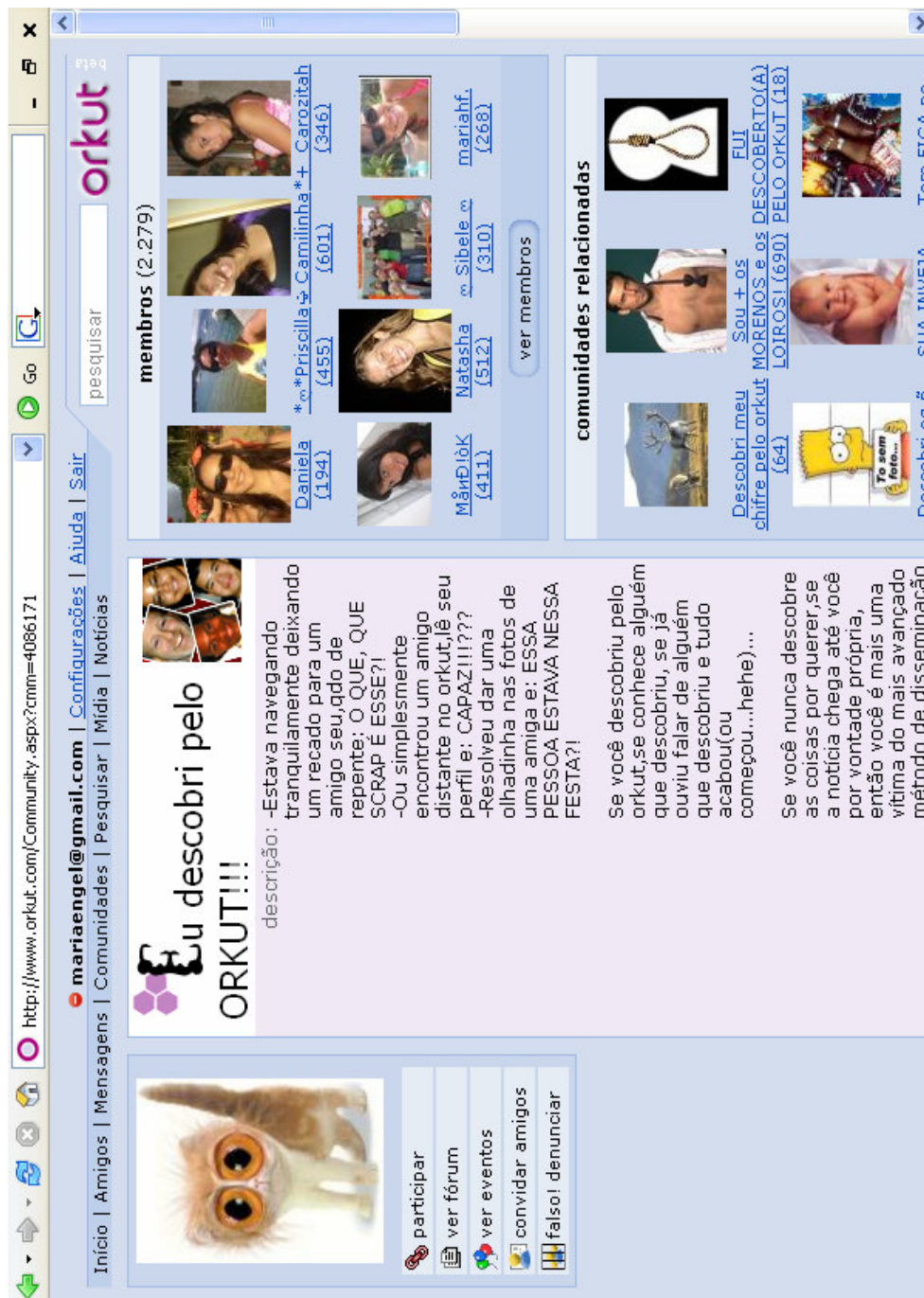


Figura 5: Fonte: www.orkut.com (acesso em agosto de 2006)



Figura 6: Fonte: www.orkut.com (acesso em agosto de 2006)

10

Anexo 2

Aqui está ilustrada a página inicial do site “DontDateHimGirl.com” citado no item 3.4.2 (“Infidelidade online: Uma realidade frequente”) desta dissertação.

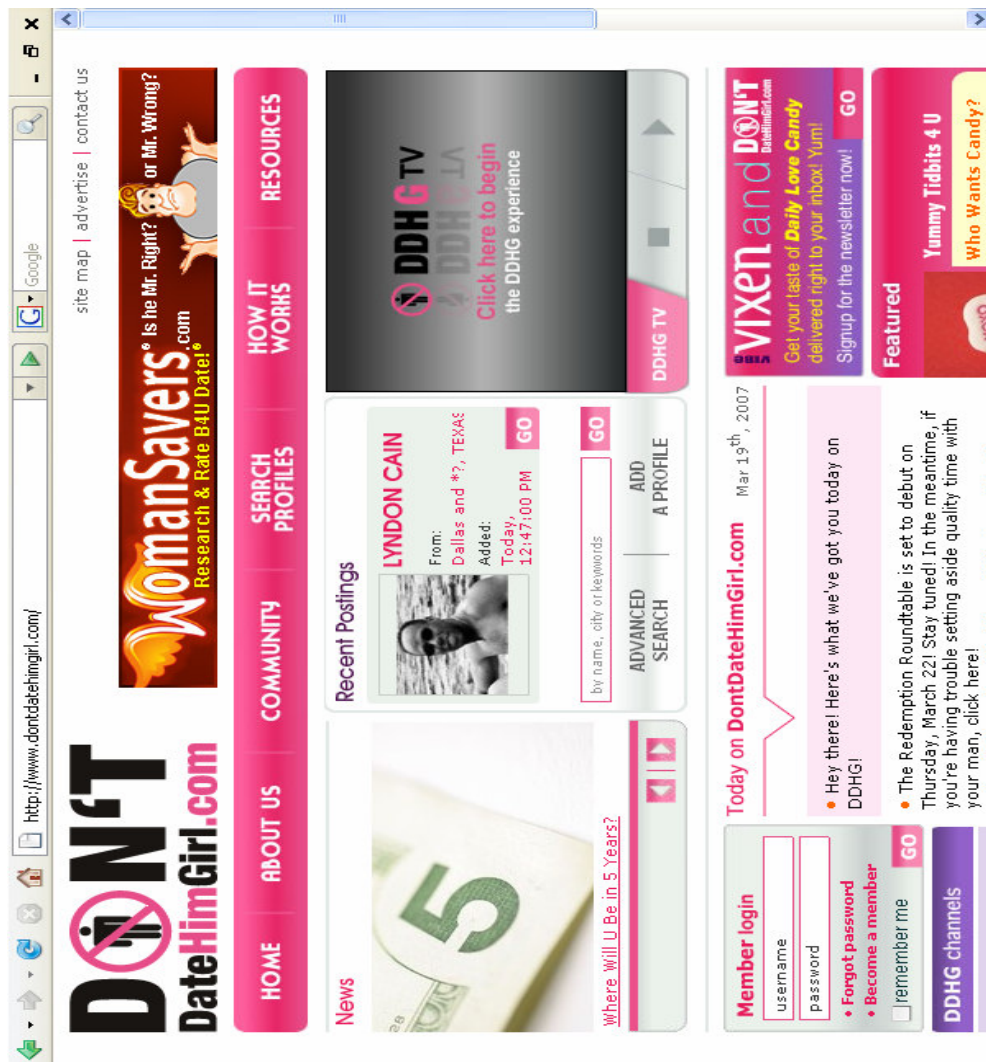


Figura 7: Fonte: <http://www.dontdatehimgirl.com/> (acesso em agosto de 2006)